

Aldo Vannucchi

O HOMEM JESUS



O HOMEM JESUS

*Neste mundo tão desumano, é urgente
ouvir o Jesus humano, humaníssimo.*

Reitor: Rogério Augusto Profeta

Pró-Reitoria de Graduação e Assuntos Estudantis – Prograd: Fernando de Sá Del Fiol

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação –

Propein: José Martins de Oliveira Jr.

Direção Editorial: Rafael Ângelo Bunhi Pinto

Editoras Assistentes: Silmara Pereira da Silva Martins; Vilma Franzoni

Conselho Editorial

Adilson Rocha

Daniel Bertoli Gonçalves

José Ferreira Neto

José Martins de Oliveira Junior

José Renato Polli

Marcos Vinicius Chaud

Maria Ogécia Drigo

Rafael Ângelo Bunhi Pinto

Vidal Dias da Mota Junior

Editora da Universidade de Sorocaba - Eduniso

Biblioteca “Aluísio de Almeida”

Rodovia Raposo Tavares KM 92,5

18023-000 – Jardim Novo Eldorado

Sorocaba | SP | Brasil

Fone: 15 – 21017018

E-mail: eduniso@uniso.br

Site: <https://editora.uniso.br>

Aldo Vannucchi

O HOMEM JESUS

Eduniso
Sorocaba/SP
2025

© 2025 Aldo Vannucchi. O homem Jesus.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte. Todos os direitos desta edição estão reservados ao autor.



4.0 internacional

Disponível também em formato digital.

Créditos

Capa, projeto gráfico e diagramação: Eliézer Silva Proença

Normalização: Vilma Franzoni

Produção Editorial: Silmara Pereira da Silva Martins

Revisão gramatical: o autor

Ficha Catalográfica

Vannucchi, Aldo

V343h O homem Jesus / Aldo Vannucchi. – Sorocaba, SP : Eduniso, 2025.
155 p.

Publicação física e digital (e-book) no formato PDF e EPUB

ISBN: 978-65-89550-27-3

e-ISBN: 978-65-89550-29-7

DOI: 10.22482/eduniso.64

1. Jesus Cristo – Evangelização. I. Título

Elaborada por Vilma Franzoni - CRB-8/4485

A Palavra se tornou um ser humano e morou entre
nós, cheia de amor e de verdade.

(João 1, 14)

O céu e a terra desaparecerão, mas as minhas palavras ficarão para sempre.

(Marcos 13, 31)

O fruto do silêncio é a oração, o fruto da oração é a fé, o fruto da fé é o amor, o fruto do amor é o serviço, o fruto do serviço é a paz.

(Santa Teresa de Calcutá)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
O JUDEU JESUS	14
UM JUDEU RELIGIOSO	17
UM RELIGIOSO ALTERNATIVO	21
O FILHO DO HOMEM	26
JESUS NAZARENO	36
JESUS MENINO	40
O JOVEM JESUS	45
JESUS ADULTO	48
PERFIL DE JESUS TERRENO	52
JESUS EM CARNE E OSSO	55
OS SENTIDOS DE JESUS	58
O OLHAR DE JESUS	60
JESUS ESCUTA	64
JESUS COME E BEBE	68
JESUS PERFUMADO	72
CONTATOS DE JESUS	77
A TRANSFIGURAÇÃO	80

QUE OS SURDOS OUÇAM E OS MUDOS FALEM	83
JESUS, NEM CURANDEIRO NEM MÁGICO ..	86
MÉDICO, CURA-TE A TI MESMO	89
CURA DE UM LEPROSO	93
UM PARALÍTICO	96
A HEMORROÍSSA	99
O CEGO BARTIMEU	102
LEVANTE-SE, MENINA!	106
O MENINO EPILÉPTICO	109
A SOGRA DE PEDRO	112
JESUS E OS DEMÔNIOS	115
JESUS E OS PODEROSOS	121
OS ÍNTIMOS DE JESUS	131
AS AMIGAS DE JESUS	139
OS ADVERSÁRIOS DE JESUS	143
JESUS, O MESTRE	147

INTRODUÇÃO

Uma pequena história explica o título e o objetivo deste livro.

Tudo começou com o convite para eu prefaciar, em março de 2024, uma obra coletiva de docentes e discentes do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade de Sorocaba.

Aceita a incumbência, surgiu outro pedido: comentar a obra, na noite do seu lançamento. Assim, depois de algumas considerações, ao final de minha fala sugeri aos presentes, professores e alunos daquele curso, que procurassem complementar sua formação com o conhecimento de personalidades modelos de fé e coragem, como Francisco de Assis, Teresa de Calcutá, Gandhi, Martin Luther King e Albert Schweitzer, porque sempre ganhei ao me conectar com a vida dessas pessoas notáveis.

E como adoro biografias, já adquiri e li umas trezentas. Mas de todas as biografias saboreadas a preferida, a mais emocionante, foi sempre a história de Jesus Cristo, o cidadão de Nazaré, narrada nos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João.

Naquela noite, dentro desse foco, me propus dar a conhecer, por aqueles textos bimilenares, a figura de Jesus Cristo, não como Filho de Deus, que ele é, mas como homem, alguém cuja vida tem tudo a ver com a nossa vida e se constitui modelo perfeito de atenção a todas as pessoas, máxime as atingidas por alguma vulnerabilidade maior.

Posteriormente, à luz dessa ideia, me surpreendi questionando por que eu mesmo não empreenderia uma modesta, mas sugestiva pesquisa a respeito das mensagens e das obras desse Homem de Nazaré?

Por que não descobrir no Jesus humano o paradigma divino do cuidado dos seus preferidos, os mais pobres, os marginalizados, os doentes?

Se bem-estar nasce da nossa boa situação física, mental, moral e social, não haveria traços dessa visão integral nas passagens evangélicas?

Não seria oportuno as autoridades e os profissionais envolvidos no trato de pessoas carentes, neste país de tanta gente desamparada, se abrirem para esse modelo perfeito, o Homem Jesus, nosso Divino Terapeuta?

A verdade vos tornará livres.

(João 8, 32)

Nossa fé vem do verbo feito carne, e é, portanto, nos dramas reais de carne e osso da vida cotidiana que podemos encontrar a Deus.

(Cardeal Timothy Radcliffe)

O JUDEU JESUS

A origem judia de Jesus é um fato inquestionável, mas ganha um valor expressivo se for vista no contexto da sua vida terrestre e na sua moldura geográfica e cultural.

Nascido em Belém, de pais palestinos, José e Maria, foi circuncidado no seu oitavo dia de vida, no qual também ganhou seu nome, de acordo com a lei judaica.

Por essa mesma lei, quarenta dias depois do seu nascimento, os pais o apresentaram no Templo, em Jerusalém, fazendo a oferta prescrita de duas rolas ou dois pom-binhos, como informa Lucas (2, 24)¹.

Nos Evangelhos (palavra grega, significa boa notícia), muitas outras pegadas históricas de Jesus aparecem, desde o nascimento num estábulo até a morte na cruz. Nelas, o judeu Jesus, na intimidade do seu lar, em Nazaré, e nos anos de atividades públicas, sempre se sentiu dentro de um Estado mantido pela aliança estreita de etnia e religião. Viveu sob a ditadura de Roma e das autoridades religiosas de Jerusalém.

¹ Todas as citações evangélicas vêm da Bíblia Sagrada – Nova Tradução na Linguagem de Hoje – Paulinas – 2011.

Assim, todos os seus passos deveriam ser pautados pela legislação civil e religiosa. A civil, pela voz de Roma; a religiosa, pela autoridade suprema do Sumo Sacerdote.

Nesse meio político teocrático, predominava a ameaça tanto dos impostos de Roma e do seu aparato policial, como o ativismo dos escribas e dos doutores da Lei, sempre aferrados à letra, desconhecendo, por vezes, o próprio espírito da religião.

Como agia Jesus nessa realidade ambígua? Quais seriam as respostas exatas dos seus discípulos quando interrogados por ele: — “Quem diz o povo que eu sou?” e — “E vocês? Quem vocês dizem que eu sou?” (Marcos 8, 27-29).

A primeira pergunta teve resposta evasiva: identificam-no como João Batista redivivo ou Elias ou ainda como um dos profetas. Quanto à segunda pergunta, Pedro declarou por todos: — “O senhor é o Messias”!

Jesus não o nega, mas prefere identificar-se como o Filho do Homem e é como tal que se encarna como judeu.

Vejamos, então, à luz dos quatro Evangelhos, como se manifesta Jesus, pelas suas palavras, pelas suas obras e pelo seu estilo de vida. Pelo seu modo de falar e atuar, Jesus permanece fundamentalmente judeu, pensa em categorias judaicas e respeita as tradições judaicas legítimas, denunciando, ao mesmo tempo, os mestres de Lei que “desobedecem ao mandamento de Deus e seguem os seus próprios ensinamentos” (Mateus 15, 3).

Felizes as pessoas humildes, pois receberão o que Deus tem prometido.

(Mateus 5, 5)

A vida não passa de um instante, mas basta este instante para empreendermos coisas eternas.

(Alceu Amoroso Lima)

UM JUDEU RELIGIOSO

É transparente nas narrativas evangélicas que Jesus foi judeu zeloso da religião da sua terra e do seu povo, tanto pela educação familiar recebida em Nazaré, como pela mensagem da boa nova que anunciou na Judeia e na Galileia.

Sua prática religiosa foi vivenciada no Templo, em Jerusalém, mas com maior frequência nas sinagogas dos povoados. Templo havia só um, em Jerusalém; sinagogas encontravam-se em todos os lugarejos. No Templo, cumpriam-se as normas rituais; numa sinagoga (esse termo significa lugar de reunião) tudo era prática de oração, escuta da Lei e dos Profetas e o aprendizado ministrado pelos escribas.

Foi nesse espaço de caráter mais popular que Jesus começou seu ensinamento público, e “as pessoas que o escutavam ficaram muito admiradas com a sua maneira de ensinar” (Marcos 1, 22). Em sinagogas também atendeu gente excluída, curou doentes, libertou endemoniados e até denunciou quem ali queria promoção pessoal, procurando os primeiros lugares.

Jesus era um rabino (João 1, 49). Seus ensinamentos derivavam das leis e tradições judaicas com as quais foi criado e nunca as negou.

A sua religiosidade integrava-se, normalmente, com a alma popular no apreço ao Templo de Jerusalém, a estrutura física mais importante da cidade, trono majestoso e sagrado da presença divina, meta de peregrinação de todas as gerações judias.

No próprio Templo, onde foi circuncidado, Jesus orou, pregou, ensinou e escorraçou cambistas e comerciantes: —“Parem de fazer da casa do meu Pai um mercado” (João 2, 16).

Para Jesus, o Templo só podia ser casa de oração. Questionando-lhe o mau uso, estava provocando a ira dos seus guardiões, do Sumo Sacerdote e dos serviçais.

Intensa vibração dominava também o coração de Cristo com relação a Jerusalém, a cidade de Davi, “a cidade do Deus vivo”. Ali a multidão de seguidores aclamou-o como “o Rei que vem em nome do Senhor” (Lucas 19, 38) e dali se estabeleceu o ponto de partida da missão dos seus apóstolos (Lucas 24, 52).

Mas a prova irrefragável do amor de Jesus pela “cidade santa” de todo judeu se revela em Lucas 19, 41-44, quando chora por ela, pela sua infidelidade e sua consequente ruína:

“Ah! Jerusalém! Se hoje mesmo você soubesse o que é preciso para conseguir a paz! Mas agora você não pode ver isso. Pois chegarão os dias em que os inimigos vão cercá-la com rampas de ataque e vão rodeá-la e apertá-la de todos os lados. Eles destruirão completamente você e todos os seus moradores. Não ficará uma pedra em cima da outra, porque você não reconheceu o tempo em que Deus veio para salvá-la”.

Em Jerusalém, celebravam-se também as festas religiosas do calendário israelita, de que Jesus participava com sua família, como a Páscoa, o Dia do Perdão, o Festival das Luzes, a Festa dos Tabernáculos.

Dessa última, também conhecida como Festa das Tendias, que relembra a caminhada pelo deserto no êxodo do Egito, João nos conta: — “quando a festa já estava no meio, Jesus foi ao Templo e começou a ensinar” (7, 14) e, no último dia da festa, fez um convite público, que enfureceu os fariseus, queriam até prendê-lo: — “Se alguém tem sede, venha a mim e beba” (João 7, 37).

Eu vim para chamar os pecadores e não os bons.

(Marcos 2, 17)

Não há lugar para a sabedoria onde não há paciência.

(Santo Agostinho)

UM RELIGIOSO ALTERNATIVO

A leitura dos Evangelhos mostra que Jesus era um judeu observante e bem plantado no judaísmo. Como rabino itinerante, ensinava a Torá nas estradas e nas sinagogas dos povoados e no próprio Templo de Jerusalém, citando com precisão a Lei e os Profetas. E em todo canto ganhava admiradores: — “Nunca ninguém falou como ele” (João 7, 46).

Mas as páginas evangélicas escancaram também situações de oposição aberta às atitudes e palavras de Jesus, porque ele não se mostrava incondicionalmente submisso às práticas e às tradições religiosas em vigor. Para ele, todo o mandamento da Lei se baseava e se resumia no amor (Mateus 22, 36-40).

E deixava bastante claro: “quem obedecer à Lei e ensinar os outros a fazerem o mesmo será considerado grande no Reino do céu. Pois eu afirmo a vocês que só entrarão no Reino do céu se forem mais fiéis em fazer a vontade de Deus do que os mestres da Lei e os fariseus” (Mateus 5, 19-20).

Jesus não criou uma nova religião, mas renovou a religião judaica. Dessa forma, a sua pregação provocava a hostilidade dos detentores do setor religioso, pois para ele

o importante não era a Lei de Deus, mas sim o espírito da Lei: — “Não pensem que eu vim para acabar com a Lei de Moisés ou com os ensinamentos dos Profetas. Não vim para acabar com eles, mas para dar o seu sentido completo” (Mateus 5, 17).

Para Jesus, o primordial é a vida das pessoas e não as estruturas: — “Eu vim para que as ovelhas tenham vida, a vida completa” (João 10, 10).

Ele atende as necessidades do pobre e não as expectativas dos poderosos: — “Vocês, fariseus, lavam o copo e o prato por fora, mas por dentro vocês estão cheios de violência e de maldade. Seus tolos! Quem fez o lado de fora não é o mesmo que fez o lado de dentro? Portanto, deem aos pobres o que está dentro dos seus copos e pratos e assim tudo ficará limpo para vocês” (Lucas 11, 39-40).

Ele estava ao lado das pessoas necessitadas, curava doentes, denunciava a hipocrisia, previa o perdão de dívidas, dava pouca importância às regras rituais e discutia e criticava as concepções religiosas de fariseus e saduceus: — “Cuidado com os mestres da Lei! Eles gostam de andar de lá para cá, usando capas compridas, e gostam de ser cumprimentados com respeito nas praças; preferem os lugares de honra nas sinagogas e os melhores lugares nos banquetes. Exploram as viúvas e roubam seus bens; e para disfarçarem, fazem orações compridas” (Marcos 12, 38).

Outro exemplo dessa rebeldia religiosa de Jesus, que escandalizava os contemporâneos ortodoxos era a sua convivência com cobradores de impostos, os chamados publicanos. Como serviam aos interesses do Império, esses funcionários viviam, segundo os fariseus, em estado de impureza, pois eram próximos de pessoas pagãs, os romanos. E Jesus escolheu um deles, Mateus, como seu apóstolo, um judeu que trabalhava em favor dos romanos.

Vale acrescentar que esse mesmo Mateus, em seu Evangelho, narra como fariseus e mestres da Lei “ficaram zangados com os discípulos de Jesus e perguntaram: — Por que vocês comem e bebem com os cobradores de impostos e com outras pessoas de má fama? E Jesus respondeu: — Os que têm saúde não precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim para chamar os bons, mas para chamar os pecadores, a fim de que se arrependam dos seus pecados” (Lucas 5, 30-31).

Importa acrescentar, por fim, a mensagem libertadora de Jesus na interpretação da lei do sábado, o que deixava furiosos os seus adversários. Contra o rigorismo sabático dos fariseus, mesmo naquele dia ele ajudava as pessoas e curava os doentes. Não era escravo de leis e rituais religiosos: — “O sábado foi feito para servir as pessoas, e não as pessoas para servirem o sábado” (Marcos 2, 27).

Com todas essas considerações, fica bem claro que o judeu Jesus não era um subversivo vulgar, mas um cidadão judeu profundamente religioso, cuja mensagem nova, de alcance universal e transcendente, derrubava e revolucionava as categorias legalistas impostas à população. E essa mensagem iluminou todo o seu ministério até a sua morte e ascensão.

No centro desse projeto religioso alternativo de Jesus, com o peso do seu exemplo e de todas as suas palavras, ficou-nos uma sublime lição: acima de todos os senhores deste mundo está o senhorio de um Deus de amor e de justiça, um Deus que é Pai. Assim ele o invocava. Assim nos ensinou a orar: — “O Pai de vocês já sabe o que vocês precisam. Portanto, orem assim: — Pai nosso que estais no céu [...]” (Mateus 6, 8-9).

Essa experiência singular de Deus como Pai fundamenta e explica o projeto alternativo de Jesus em relação ao Templo e à Lei religiosa. A sua religiosidade se separou da religião judaica.

Assim, mantendo-se fiel a esse Deus, Pai de todos nós, todos, cristãos e não-cristãos, deveriam se afastar de todo tipo de preconceito contra os judeus, até mesmo quando imiscuído em anacrônicas brincadeiras, como a malhação do Judas ou no apelo a termos afrontosos, como judiação e judiar.

Felizes as pessoas que trabalham pela paz, pois Deus as tratará como seus filhos.

(Mateus 5, 9)

Pregue o Evangelho em todo tempo. Se necessário, use palavras.

(São Francisco de Assis)

O FILHO DO HOMEM

Muitas pessoas estranham essa expressão, repetida nos Evangelhos. Trata-se, no entanto, de um belíssimo nome pelo qual o Senhor Jesus se autodenominava.

Dentre os títulos cristológicos figurantes nos quatro Evangelhos, a saber, Messias, Filho de Davi, Filho de Deus, Senhor, Filho do Homem, este último é como Jesus mais se apresenta.

No seu espaço de vida terrena, as autoridades religiosas timbravam em se proclamar como mestres da Lei, doutores, sacerdotes.

Ele, não. Preferia dizer-se o Filho do Homem. Valia-se dessa qualificação registrada já nos salmos e nos profetas, mas com uma diferença essencial: no Primeiro Testamento, aparece com artigo indefinido – um filho do homem, para designar, simplesmente, uma pessoa, um ser humano; no Segundo Testamento, é sempre com artigo definido, o Filho do Homem.

Por esse título nos defrontamos com o paradoxo da vida e do ministério de Jesus. Por um lado, expõe a humildade com que enfrentou a sua rejeição; por outro lado, aponta para a sua futura exaltação e glória.

Nessa expressão, fica ressaltada a humanidade de Cristo Jesus, mas humanidade única, própria de um ser humano sem pecado, a humanidade perfeita.

Por outro lado, esse apelativo Filho do Homem, usado mais de oitenta vezes no Segundo Testamento, carrega um significado profundo, porque afirma Jesus como se ele fosse apenas um entre muitos, como que escondendo a dignidade divina da sua natureza.

E Jesus gostava de se chamar Filho do Homem, pois assim se sentia próximo da nossa pequenez humana e, ao mesmo tempo, insinuava a grandeza da sua missão messiânica e do seu ministério voltado, preferencialmente, aos seres humanos mais necessitados da sociedade, os pobres, os mendigos, os doentes, os de má fama.

Dizendo-se Filho do Homem, era tanto plenamente Deus quanto plenamente homem. Estabeleceu sua morada entre nós, mas aqui vivia, exclusivamente, para fazer a vontade do seu Pai celestial.

Faz bem pesquisar e apreciar essa duplicidade teândrica — Homem e Deus — nos vários contextos do seu ministério e nos diferentes aspectos da sua missão.

Para tanto, basta colher em qualquer Evangelho alguns exemplos mais significativos. Começemos por Lucas

(6, 22): "Felizes são vocês quando os odiarem, rejeitarem, insultarem e disserem que vocês são maus por serem seguidores do Filho do Homem".

Temos aí uma das bem-aventuranças promulgadas por Jesus, no início do seu ministério, cercado de numerosa multidão, ansiosa por experimentar o seu dom de cura.

É nesse momento que o Filho do Homem, oferece à multidão não uma doutrina ou um código moral, mas um projeto de vida, algo mais humano, mais ao alcance de ser entendido e vivido por aquela gente humilde, ao seu redor.

Jesus garante a eles e a todos os que o seguirem que terão sérios problemas, serão perseguidos, mas serão felizes na fidelidade a ele, que nasceu na periferia, no meio de pastores e viveu cercado pelos pequenos e desprezados, mas é a divindade encarnada no humano.

Em Lucas (7, 33-34), a humanidade de Jesus transparece sobre a sua divindade: "João Batista jejua e não bebe vinho, e vocês dizem: — Ele está dominado por um demônio. O Filho do Homem come e bebe, e vocês dizem: — Vejam! Esse homem é comilão e beberrão; é amigo dos cobradores de impostos e de outras pessoas de má fama. Mas aqueles que aceitam a sabedoria de Deus mostram que ela é verdadeira".

A essa crítica vulgar, o Filho do Homem que bebe e come como qualquer pessoa, contrapõe a ignorância dos seus opositores. Falta-lhes o bom senso, para encarar o beber e o comer como condições existenciais comuns, que podem ser vividas com perfeita santidade.

Em Lucas (9, 58), temos o Filho do Homem que “abriu mão de tudo o que era seu, tornando-se igual aos seres humanos” (Paulo aos Filipenses 2, 7), como se vê em uma de suas caminhadas até Jerusalém. Quando ele e os discípulos iam pelo caminho, um homem disse a Jesus: — “Eu estou pronto para seguir o senhor para qualquer lugar aonde o senhor for. Então Jesus disse: — As raposas têm as suas covas, e os pássaros, os seus ninhos. Mas o Filho do Homem não tem onde descansar”.

A quem o quisesse seguir, o Filho do Homem é todo franqueza: ele não tem casa própria, vive no trato com populares, pregando e curando doentes, de povoado a povoado. Não seria fácil acompanhá-lo. Sem teto e sem abrigo, como partilhar seu estilo de vida, sua missão e seu destino?

Por essas citações do Filho do Homem encontradas no Evangelho de Lucas, percebe-se que Jesus viveu sempre consciente de sua missão messiânica, mas evitava usar o título de messias, que poderia suscitar expectativas de domínio político de sua parte.

É, precisamente, sob esse aspecto que, no Evangelho de Marcos, encontramos Jesus como Filho do Homem. Ele assim se identifica a caminho de Jerusalém, para ali anunciar a boa notícia da salvação.

Quando ia pela estrada, chamou os seus discípulos para um lado e começou a falar sobre o que ia acontecer com ele e disse: — “[...] o Filho do Homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos mestres da Lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos não judeus. Estes vão zombar dele, cuspir nele, bater nele e matá-lo, mas três dias depois ele ressuscitará” (Marcos 10, 32-34). Os discípulos, assustados e perplexos, não entenderam esse discurso: — O que significa ele se declarar Filho do Homem? Por que irá passar por tal tragédia?

Jesus estava consciente da humilhação e da tortura mortal que, pelo plano divino, deveria sofrer, e, por outro lado, como messias, serve-se da figura misteriosa do Filho do Homem, cujo reino não terá fim, profetizada por Daniel (7, 33).

Segundo Marcos, o apóstolo Pedro não aceitou, de pronto, essa promessa de morte voluntária do Mestre e dele apanhou a dura repreensão: — “Saia da minha frente, Satanás” (8, 33).

Escolhido por Deus para ser o nosso salvador e nos preservar do mal, o Filho do Homem procurou sempre oferecer lições à luz do reino da verdade e do amor.

A lição exemplar aos discípulos, preocupados em ganhar em tudo os primeiros lugares, resplandece em Marcos (10, 45): —“O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para salvar a sua gente”.

Ficou assim gravada para sempre a norma suprema de Cristo para um mundo mais humano e uma Igreja de feição mais evangélica.

Passemos, agora, para o Evangelho de Mateus, onde a figura de Cristo como Filho do Homem prevalece em diversas situações, mostrando-nos que, além da autoridade inquestionável de suas palavras, ele pode perdoar os pecados e curar os doentes, e vai voltar um dia como rei glorioso, com todos os poderes, para o julgamento final e o estabelecimento do Reino de Deus.

Alimentadas por essa fé, tanto as primeiras comunidades cristãs conseguiram enfrentar os desafios que provinham da dominação romana e do ambiente judaico, quanto podem, hoje, no mundo secularizado, vivenciar um projeto de vida focado no amor fraterno e no serviço ao próximo.

Essa proposta pode, perfeitamente, se inspirar em dois momentos fundamentais do ministério de Jesus: o primeiro, nos inícios de suas atividades, ao escolher os doze discípulos, e o outro, na antevéspera de sua última Páscoa, ao predizer a sua morte redentora.

Nesses dois momentos, o Cristo age como o Filho do Homem, ou seja, como Homem-Deus ele é uma presença divina de luz e um baluarte de conforto humano, para aqueles doze amigos de ontem e para todos os seus seguidores de hoje.

Em Mateus 10, 23, ao enviar os Doze para anunciarem que o Reino dos céus está perto, ele não esconde as dificuldades que encontrarão, mas lhes garante: —Vocês não acabarão o seu trabalho em todas as cidades de Israel antes que venha o Filho do Homem.

Doutra parte, em Mateus 26, 2, ele adverte os mesmos discípulos: —“Daqui a dois dias vai ser comemorada a Páscoa, e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado”.

Palavras de total clareza, próprias de quem tinha a humildade para sofrer tudo por eles e por nós, mas estava certo de que venceria a morte pela certeza da sua ressurreição.

Provera a Deus que todos os cristãos vivessem à luz desse modelo perfeito, humano divino, que é Jesus.

Após a visão conjunta das atividades e palavras de Jesus apresentada pelos Evangelhos sinóticos (termo grego, para dizer que têm grandes semelhanças), passamos, agora, ao que conta o evangelista São João.

É estimulante verificar que, já no primeiro capítulo, ele afirma que Jesus é o Verbo, a Palavra que “se tornou um ser humano” (João 1, 14), o Filho de Deus que os seus discípulos conhecerão como o Filho do Homem (João 1, 51).

A maior parte do seu Evangelho destina-se a narrar a autorrevelação de Jesus, por meio de suas palavras comprovadas pelos milagres, como mensagem de salvação, a ser aceita pela fé.

Essa aceitação não foi tranquila. Junto com os milagres operados na Galileia e os diálogos reveladores com Nicodemos e a Samaritana, o evangelista ressalta o choque das forças de fé com a incredulidade dos que ouviam a Jesus.

Um dia, muitos dos seus seguidores até reclamaram: — “O que ele ensina é muito difícil. Quem pode aceitar esses ensinamentos”? (João 6, 60).

A resposta de Jesus foi direta: — “Vocês querem me abandonar por causa disso? E o que aconteceria se vocês

vissem o Filho do Homem subir para onde estava antes”? (João 6, 62). Assim ele se afirmava como um ser humano que era Filho de Deus: viera do Pai e ao Pai voltaria.

Contudo, João ainda refere a oposição malevolente de alguns líderes judeus contra Jesus que o desafiam: — “Quem é você”? (João 8, 25). E ele, de novo, firme e bem claro se explica: — “Vocês são daqui debaixo, e eu sou lá de cima[...] quando vocês levantarem o Filho do Homem, saberão que EU SOU QUEM SOU” (João 8, 27).

Assim, o Cristo erguido numa cruz se revela o enviado do Pai, o Jesus terrestre, sacrificado por nós, morto e ressuscitado, indo para perto do Pai.

Mas, apesar de tudo, a incredulidade permanece: — “Como é que o senhor diz que o Filho do Homem precisa ser levantado da terra? Quem é esse Filho do Homem”? (João 12, 34), pergunta alguém da multidão.

O que responder a essa turba que, dias atrás, aclamara Jesus como rei de Israel? Com sua infinita paciência e não menor misericórdia, ele se compara a uma luz, que estava para desaparecer por um breve período, e depois brilhar com mais brilho, caso viessem a segui-lo, enquanto estava entre eles: — Enquanto vocês têm a luz, creiam na luz, para que possam viver na luz” (João 12, 36).

| Eu sou o caminho, a verdade e a vida.

(João 14, 6)

| O supérfluo dos ricos é propriedade dos pobres.

(Santo Agostinho)

JESUS NAZARENO

Insisto aqui, de forma clara e segura, para mim Jesus Cristo é o Filho Unigênito de Deus, que para nossa salvação se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem.

Para confirmar essa fé, ousou repetir as palavras do apóstolo Paulo sobre Jesus Cristo: — “Ele tinha a natureza de Deus, mas não tentou ficar igual a Deus. Pelo contrário, ele abriu mão de tudo o que era seu e tomou a natureza de servo, tornando-se assim igual aos seres humanos. E, vivendo a vida comum de um ser humano, ele foi humilde e obedeceu a Deus até a morte – morte de cruz” (Filipenses 2, 6-8).

Desse Homem estou tratando e, por isso, sigo levantando tópicos evangélicos referentes à história do Homem-Deus, Jesus de Nazaré, que “curou muitas pessoas de todo tipo de doenças” (Marcos 1, 3, 40), anunciou o reinado de Deus na história humana e não nos propôs códigos nem doutrinas, mas ofereceu, simplesmente, a sua irrecusável companhia de crucificado por nós e, hoje, ressuscitado entre nós, nosso eterno contemporâneo.

Por outras palavras, busco conhecer melhor a Jesus, pessoa divina, que, encarnada na experiência humana corpórea, de carne e osso, trouxe a todos a boa notícia do bem e da verdade do Reino de Deus e viveu os problemas religiosos, políticos e sociais da sua época, atendendo, especialmente homens e mulheres desfavorecidos.

Esse enfoque pode até perturbar alguém acostumado a pensar só em um Jesus distante, celestial, abstrato, mas o núcleo da fé cristã é precisamente este: o Homem-Deus, Jesus Cristo, apresentado por Mateus, Marcos, Lucas e João, homem como nós, porém capaz de operar mudanças miraculosas, mediante suas palavras, seus gestos e seus toques.

Em síntese, este modesto ensaio centra-se nas palavras e nas obras de Jesus, no seu estilo de vida e na sua mensagem. É só por ele que podemos falar de Deus, como ele mesmo assim nos revela: — Pai justo, o mundo não te conhece, mas eu te conheço; e aqueles que me deste sabem que tu me enviaste. Eu fiz com que eles te conheçam” (João 17, 25).

Esse Jesus presente entre nós, um ser humano identificado com seu espaço-tempo, em sua presença física, nada ostentava de solene, majestoso ou singular.

Como veremos, a seguir, foi criança, adolescente, jovem, adulto, primeiro no povoado simples de Nazaré, depois pelos campos e cidades da Judeia e da Galileia.

Cheio do Espírito Santo, cresceu e foi descobrindo sua realidade humana, no seio da sociedade palestina, que sentia na carne o peso da dominação romana, aguardando a ação libertadora de Deus.

Fiquem firmes e de cabeça erguida, pois logo vocês serão salvos.

(Lucas 21, 28)

Eu sempre estive muito longe de pensar que a misericórdia de Deus se limita às fronteiras da Igreja visível. Deus é a Verdade. Quem busca a Verdade, busca Deus, que ele o saiba claramente ou não.

(Santa Edith Stein)

JESUS MENINO

Uma semana depois do nascimento do filho de José e Maria, houve a sua circuncisão, cerimônia equivalente ao batismo de hoje. E São Lucas (2, 21) completa: — “Quando chegou o dia de circuncidar o menino, puseram nele o nome de Jesus”.

Quarenta dias depois, o mesmo evangelista relata a cerimônia judaica da apresentação do menino no Templo, por Maria e José: — “Eles levaram a criança para Jerusalém a fim de apresentá-la ao Senhor” (Lucas 2, 22).

Nessa celebração estava presente um homem bom e piedoso, que agradeceu a Deus por estar vendo na criança que acariciava no colo o Salvador tão esperado. Mas acrescentou: — “Ele vai ser um sinal de Deus, muitas pessoas falarão contra ele [...] e a tristeza, como uma espada afiada, cortará o seu coração, Maria” (Lucas 2, 34-35).

Com esse anúncio trágico, Nossa Senhora, pouco depois, de coração apertado, teve que partir. Um anjo do Senhor apareceu num sonho a José e disse: — “Levante-se, pegue a criança e a sua mãe e fuja para o Egito. Fiquem lá até eu avisar, pois Herodes está procurando a criança para matá-la” (Mateus 2, 13).

De fato, Herodes ordenara que fossem mortos, em Belém e em suas vizinhanças, todos os meninos de dois anos.

Assim, Jesus viveu os primeiros anos de infância como um refugiado, voltando à Judeia só depois da morte de Herodes, no ano 4 a.C.

Repatriados, José e Maria decidem estabelecer-se em Nazaré, na Galileia.

Aí, o menino Jesus passa a viver feliz, como qualquer outra criança daquela cidadezinha de umas 300 pessoas. Criança, ele não fez milagre algum.

Sua formação se desenvolveu, serenamente, em casa. Naquele ambiente palestino, competia às mães ensinar a língua, a Torá, as tradições religiosas e os costumes familiares.

Ali aprendeu andar, comer, falar, vestir-se, rezar, escrever, correr e brincar, tudo sob orientações dos pais. Uma infância normal.

Aos 12 anos, porém, aconteceu o inesperado. Como qualquer menino, um dia ele aprontou para seus pais. Desapareceu.

Fora com eles a Jerusalém, para celebrar a Páscoa, mas, terminada a festa, sumiu. Seus pais só se deram conta

na volta para casa. Foi uma agonia. Tiveram que regressar a Jerusalém. Depois de muita procura, alívio e surpresa, encontraram o menino no Templo, em conversa com alguns doutores da Lei.

Era demais. Seus pais o repreenderam pelo susto que lhes pregou, mas ele, tranquilo, respondeu: — “Por que vocês estavam me procurando? Não sabiam que eu devia estar na casa do meu Pai”? (Lucas 2, 49).

Nossa Senhora ficou remoendo essa resposta um tanto misteriosa, mas voltaram para Nazaré, envolvidos no silêncio de uma longa e profunda reflexão.

Lá “o menino crescia e ficava forte, tinha muita sabedoria e era abençoado por Deus” (Lucas 2, 40) “e tanto Deus como as pessoas gostavam cada vez mais dele” (Lucas 2, 52).

Dessa convivência, durante trina anos, com vizinhos e conhecidos é testemunho interessante o tópico seguinte, registrado por Lucas: — “Com quem posso comparar as pessoas de hoje [...]. Elas são como crianças sentadas na praça. Um grupo grita para o outro: — Nós tocamos músicas de casamento, mas vocês não dançaram! Cantamos músicas de sepultamento, mas vocês não choraram!” (Lucas 7, 31-32).

Em brincadeiras de crianças há sempre as que to-
pam qualquer jogo e outras que se recusam. Jesus menino
talvez tenha presenciado essa rusga infantil e, mais tarde,
como costumava tirar lições dos acontecimentos diários da
vida, valeu-se dessa experiência para comentar a divergên-
cia entre seguidores de João Batista e os seus discípulos.

Aqueles que são os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros.

(Mateus 20, 16)

O verdadeiro cristianismo rejeita a ideia de que uns nascem pobres e outros ricos, e que os pobres devem atribuir a sua pobreza à vontade de Deus.

(Dom Helder Câmara)

O JOVEM JESUS

Nazaré, um vilarejo campestre de umas duzentas casas, localizava-se numa colina, na parte sul da baixa Galileia.

O povoado não gozava de muita estima na região, mas foi onde Jesus Cristo viveu toda a sua adolescência e juventude. Ali, frequentou a escola dos escribas que funcionava junto à sinagoga.

Seu ambiente doméstico alargou-se, ano a ano, com interessantes experiências na vida comunitária, iluminada pelo culto aos sábados na sinagoga, onde orava e meditava, apoiado em algum trecho das Escrituras Sagradas.

Revelava-se um moço de invejável sabedoria, pelas suas boas intervenções nos contatos com parentes e conhecidos e, vez por outra, até questionava, com acerto, certos ensinamentos e normas defendidos por rabinos aferrados à Lei mosaica.

Também não lhe passava despercebido o mal-estar das famílias, atingidas pela opressão romana e pelo governo de Herodes, tudo agravado com situações de penúria e doenças de muita gente vizinha.

Ele sempre soube se aproximar dos conterrâneos, sem nenhum problema, porque preferia o diálogo à controvérsia.

Quem crê no Filho tem a vida eterna.

(João 3, 36)

Os doentes nos revelam o rosto de Deus.

(São Camilo de Lelis)

JESUS ADULTO

Todos os homens adultos de Israel deviam rezar, de manhã e à noite, voltados ao Templo de Jerusalém, para reafirmar sua fé e confiança em um Deus único e verdadeiro.

Assim, a oração e a meditação da Torá constituíam a primeira atividade quotidiana de Jesus. A partir daí, restavam-lhe os compromissos do trabalho doméstico.

Como qualquer jovem, ele passara da mocidade para um exercício profissional de gente grande. O pai carpinteiro passou-lhe o mesmo ofício e, por isso, o evangelista Marcos (6, 3), anotou a admiração dos seus conterrâneos, ao ver e ouvir o que ele fazia e falava: — “Por acaso, ele não é o carpinteiro, filho de Maria”?

Mas antes disso, naquela pequena aldeia de horizontes bastante limitados, quando souberam das primeiras ações maravilhosas de Jesus, fora de Nazaré, não acreditaram nele, acharam que estava maluco e queriam que ele voltasse para casa (Marcos 3, 20-21).

Aquele sujeito prodigioso circulava no meio do povo como um cidadão comum, um leigo, não um mentor religioso, um simples carpinteiro.

Na verdade, porém, Jesus não se limitava exclusivamente a paus e pregos. Segundo o texto original grego, ele se mostrava um *tecton*, que equivale a artesão, um construtor multifuncional que participava com o pai na construção e no conserto de telhados, móveis, carroças, rodas, mas também talhava pedras, na construção de casas, muros e sepulturas, e ainda manjava o ferro para fazer enxadas, pás e martelos.

Tudo indica o envolvimento dele, como bom artesão, nessas diversas atividades manuais, além da carpintaria, porque, na Palestina, a madeira era artigo raro e as casas do lugar se construíam com pedras.

Note-se, por fim, que Jesus também manteve contato com a agricultura familiar, pois as práticas do campo, como a semeadura e a colheita, representavam uma necessidade básica — viviam disso — para a subsistência da população daquela fértil região da Galileia, a campeã em produção agrícola israelense, especialmente trigo e cevada.

O que mais preencheria o tempo de Jesus na sua minúscula comunidade, durante todos aqueles anos, antes de sua vida pública?

Pessoas há que respondem a essa questão alegando viagens de Jesus para países distantes, como a Índia e o Nepal, onde teria recebido luzes especiais de mestres iluminados.

Mas essa informação bizarra carece de qualquer confirmação histórica ou arqueológica. Na verdade, esses anos ocultos de Jesus não foram anos perdidos. Jesus viveu-os dentro do intenso movimento da sua gente, confinada pela dominação de Roma e do rei Herodes Antipas.

A população deveria pagar aos romanos o imposto sobre as colheitas, o pedágio para a circulação de pessoas e mercadorias e dedicar um tempo de trabalho forçado para as tropas.

Pesavam também sobre o povo as necessidades do Templo, como os dízimos e o imposto pessoal, estipulado em um denário, equivalente à diária de um trabalhador. Somavam-se a isso as taxas e as ofertas para a edificação da cidade de Tiberíades, guindada a centro administrativo de toda a Galileia, como palácio real.

Como cidadão judeu exemplar, Jesus partilhou essa tensão político-religiosa desde a sua inserção no movimento de João Batista, crítico das normas judaicas e da sociedade do período. Ele não se escondeu nem se omitiu. Com seus atributos divinos encobertos, passou horas e horas com os pais e os parentes, em casa e em outros ambientes, com amigos e conhecidos, ouvindo e comentando aquela situação conflituosa, à luz da Torá, a lei de Deus.

Vão pelo mundo inteiro e anunciem o evangelho a todas as pessoas.

(Marcos 16, 15)

Deus é paciência. O contrário é o diabo.

(Guimarães Rosa)

PERFIL DE JESUS TERRENO

Depois dos trinta anos passados na pequenina Nazaré, Jesus se entregou, por três anos, a uma vida pública, sem moradia fixa, pobre com os pobres, mas plenamente integrado no mundo judaico, sem perder a apreciação crítica da religião e da política ali vigentes.

Convivia com parentes, amigos e inimigos. Paga-va imposto ao governo romano (Mateus 17, 20-27), partilhando da opressão sofrida pelo povo, mas se afirmava como cidadão livre para dar ao imperador Tibério o que se devia dar a ele e a Deus o que é de Deus.

Homem forte e saudável, ensinava a todos passando de aldeia em aldeia. Bem diferente dos mestres da Lei ligados à sinagoga, Jesus anunciava, aqui e ali, a “boa notícia” (evangelho, em grego) da salvação a todos, mas sempre privilegiando os últimos e curando a muitos.

Soava clara e franca a sua mensagem. Repetiu inúmeras vezes: — “Se vocês têm ouvidos para ouvir, então ouçam” (Mateus 13, 9).

Não propunha normas e estórias de um folclore religioso nem se perdia com superfluidades ou meias

verdades: — “Que o ‘sim’ de vocês seja sim e o ‘não,’ não, pois qualquer coisa a mais que disserem vem do Maligno” (Mateus 5, 37).

Jesus não se apresentava como um padre, mas emitia palavras de Deus: — “Quem ouve as minhas palavras e crê naquele que me enviou tem a vida eterna” (Mateus 5, 24).

Humano, humaníssimo, Jesus assim definiu a sua missão: — “Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e os pobres recebem o evangelho” (Mateus 11, 4-5).

Sua linguagem se revestia de ternura no relacionamento com os menos favorecidos, mas ganhava força e firmeza nas invectivas proféticas e nas instruções pacientes e, às vezes ásperas, aos seus discípulos. Basta lembrar como ele reagiu quando Pedro quis dissuadi-lo da sua prisão e morte: — “Saia da minha frente, Satanás! Você é como uma pedra no meu caminho, para fazer com que eu tropece, pois está pensando como um ser humano pensa e não como Deus pensa” (Mateus 16, 23).

Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim,
ainda que morra, viverá.

(João 11, 25)

O único momento em que é lícito olhar uma pes-
soa de cima para baixo é quando queremos ajudá-
-la a levantar-se.

(Papa Francisco)

JESUS EM CARNE E OSSO

Qualquer apresentação da religião cristã, nos dias atuais, revela um dado contraditório e preocupante: prevalece a imagem de um Jesus nenê em Belém, que crescido viveu como se fosse de outro mundo, uma figura atemporal, uma pessoa divina sem dúvida, mas cuja corporeidade é lembrada e lamentada apenas na sua paixão e morte.

Desta forma, para não poucos cristãos, Jesus acaba se tornando uma imagem distante, lá longe, no reino do céu, e distinta do Filho de Deus encarnado. E não se trata de encarnação simbólica, mas real, concreta, em virtude da qual Jesus sorria e chorava, curti a sede e suave, cansava-se e repousava, participava de casamento e de velório.

Em resumo: era de carne e osso, com tamanho e peso, visível e tangível como qualquer criatura humana.

Ele se fez homem, igual a nós, menos no pecado. Sem o corpo físico, ele não teria passado pela crucificação por nós, para a nossa redenção.

Essa é a verdade manifestada pelos quatro Evangelhos e sintetizada por João (1, 14): —“A Palavra se tornou um ser humano, e morou entre nós, cheia de amor e de verdade”.

Por essa verdade básica, vou buscar, a seguir, exemplos preciosos da presença física de Jesus na sociedade humana, na Judeia e na Galileia, hoje Terra Santa de tantas e tantas romarias e constantes distúrbios políticos e militares.

Um jeito prático de colher esses dados é verificar como Jesus captava a realidade do seu ambiente de vida e de missão. Como acontece com qualquer ser humano, não poderia ser de outra forma senão pelos cinco sentidos naturais: visão, audição, paladar, olfato e tato, inseparáveis um do outro em nossas percepções sensoriais.

Felizes as pessoas que têm fome e sede de fazer a vontade de Deus, pois ele as deixará completamente satisfeitas.

(Mateus 5, 6)

Para fazer o mal, basta que se deixe de fazer o bem.

(Santa Catarina de Sena)

OS SENTIDOS DE JESUS

Jesus não fazia caminhadas sozinho. Nem conseguiria, porque nesses percursos entrava em sintonia com a multidão sequiosa de ensinamentos, de curas e de pão.

Assim ia formando seu pequeno grupo de discípulos, pessoas simples, quase todos pescadores, seus mensageiros no futuro.

Essas suas aulas ao ar livre, lições plenas de realismo crítico, nasciam, naturalmente, da cabeça e do coração, mas também lhe valiam bastante aquelas faculdades ressaltadas desde Aristóteles, hoje identificadas como os cinco sentidos.

Se acompanharmos o Mestre, caminhante de todas as horas, veremos seus sentidos despertarem a cada passo.

A todo instante, seus olhos se tornam atentos aos mais leves frêmitos da natureza e desfrutam as fragrâncias dos bosques e dos prados.

E quando ele atravessava os vilarejos, ouvia, prazerosamente, o vento a lhe acariciar a pele e, à noitinha, dentro de uma pousada, adormecia com o leve aroma de alguma cozinha ainda acesa, prometendo alguma coisa a se saborear.

Eu vim ao mundo como luz, para que quem crê em mim não fique na escuridão.

(João 12, 46)

Generosidade não é dar, mas dar-se, assim como Cristo se deu a todos nós.

(Cardeal Arns)

O OLHAR DE JESUS

Do seu berço natal, Belém, até a morte na cruz, em Jerusalém, “Jesus andou por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas a boa notícia do Reino, e curando as enfermidades e as doenças graves do povo” (Mateus 5, 23).

Não era passeio, mas missão: — “Eu preciso anunciar também em outras cidades a boa notícia do Reino de Deus, pois foi para fazer isso que Deus me enviou” (Lucas 5, 43).

Nessas caminhadas de todos os dias, ao sol ou com chuva, os olhos de Jesus pareciam janelas abertas para recolher as imagens do seu mundo exterior: os campos e os montes, as plantações e os animais, videiras e figueiras, o rio Jordão e o lago da Galileia, os pescadores e os cobradores de impostos, as crianças em brincadeiras e o vaivém de gente grande, no mercado, no trabalho ou na conversação.

De tempo em tempo, porém, o olhar do Senhor ganhava brilho incomum, porque percebeu, à beira do caminho, um mendigo de braços estendidos a lhe pedir ajuda.

Mais à frente, jaz um paralítico, cuidado por extenuados companheiros. Outras vezes é a multidão em volta,

seguindo-o sem descanso, sem comida, sedenta e à espera de seus sinais de atenção, suas curas, seus milagres.

Para reviver o olhar de Jesus sobre esses cenários de sofrimento, lembre-se o caso narrado por Mateus de certa mulher presa, há doze anos, de uma hemorragia. Ela veio por trás de Jesus e tocou na barra da sua capa, esperando ficar curada.

Jesus virou, viu a mulher e disse: — “Coragem, minha filha! Você sarou por que teve fé”. E, naquele momento, a mulher ficou curada (Mateus 9, 20-21).

No meio de tanta gente, Jesus a viu. Com um olhar generoso e certo, desvendou a triste situação da mulher e o seu obstinado esforço para chegar até ele e a libertou daquele desconforto, pois a Lei a considerava impura.

Alguns passos à frente, o mesmo evangelista flagra novo olhar do Mestre:

“Jesus andava visitando todas as cidades e povoados [...] Quando viu a multidão, ficou com muita pena daquela gente porque eles estavam aflitos e abandonados, como ovelhas sem pastor” (Mateus 9, 35-36).

Havia sempre muita gente acompanhando Jesus nas suas andanças. Além dos curiosos vadios, juntavam-se o grupo cerrado dos seus seguidores e a porção imensa de populares, em busca de algum alívio físico ou mental.

Esse triste quadro humano sempre provocava o olhar compassivo de Jesus. Quanta gente do povo aflita e abandonada, sem recursos, sem o apoio de políticas públicas, sem a ajuda das próprias autoridades religiosas e marginalizada por aqueles maiores prontos a coar mosquitos e engolir camelos.

Contudo, no Evangelho de Marcos aparece uma cena bem diferente, quase inesperada. Sobre um grupo de religiosos dentro de uma sinagoga, no sábado, o Cristo do habitual olhar misericordioso passa para um olhar “zangado e triste”, porque não queriam entendê-lo.

Ele havia curado ali um homem de mão mirrada e os fariseus presentes o acusaram de, em pleno sábado, não guardar a lei do dia do descanso.

Lamentando a cegueira daquele grupelho sem coração, Jesus pergunta: — O que é que a nossa Lei diz sobre o sábado? O que é permitido fazer nesse dia: — o bem ou o mal?

E Jesus olhou para todos os que estavam em volta dele e disse para o homem: — Estenda a mão!

Eu vim para que as pessoas tenham vida, a vida completa.

(João 10, 10)

Assim como o sol derrete o gelo, a bondade faz com que o desentendimento, a desconfiança e a hostilidade evaporem.

(Albert Schweitzer)

JESUS ESCUTA

No seu processo educativo informal, Jesus aproveitava qualquer novidade da caminhada para instruir os discípulos. Assim lhes despertava a atenção para algumas maravilhas oferecidas, gratuitamente, pela mãe natureza: — “Vejam os passarinhos que voam pelo céu [...]” (Mateus 6, 26). “Vejam como crescem as flores do campo [...]” (Mateus 6, 28), e tirava lições de vida para eles: — “Vocês valem mais do que muitos passarinhos” (Mateus 10, 31).

De forma igual, Jesus ouvia e fazia-os ouvir com atenção as vozes dos campos, das colinas, dos rebanhos, o agito das árvores, o ciciar da brisa, o ribombar do trovão e as ondulações do lago bem próximo deles.

Ao absorver tal aprendizado, os discípulos apreciaram, por certo, a resposta de Jesus aos fariseus e saduceus que lhe pediram um milagre: — “Quando vocês veem uma nuvem subindo no oeste, dizem logo: — Vai chover. E, de fato chove. E, quando sentem o vento sul soprando, dizem: — Vai fazer calor. E faz mesmo. Hipócritas! Vocês sabem explicar os sinais da terra e do céu. Então por que não sabem explicar o que querem dizer os sinais desta época?” (Lucas 12, 54-56).

Jesus não apenas ouviu aquela mal-intencionada pergunta dos adversários. Escutou-a.

Ouvir é atitude passiva. Envolve apenas a detecção de sons. Escutar é ter foco, prestar atenção no que está sendo dito.

Os pobres e os fracos confiavam, plenamente, na escuta de Jesus. Ao ouvir uma voz aflita, uma súplica de cura, um pedido de socorro, ele mergulhava no mundo íntimo dos infelizes, doentes, desamparados, fosse lá quem fosse.

Exemplos dessa escuta generosa multiplicam-se nas páginas evangélicas. A todo chamado de dor ele se aproxima da pessoa ferida na alma ou no corpo, de modo totalmente gratuito, como fez o bom samaritano da sua belíssima parábola (Lucas 10, 25-37).

Foi assim com dois cegos. Informados da passagem de Jesus, “começaram a segui-lo, gritando: — “Filho de Davi, tenha piedade de nós”! (Mateus 9, 27).

A insistência deles revelava a certeza da fé: seriam atendidos por aquele homem prodigioso, certamente o Messias, descendente do rei Davi. Então, vendo-os com tamanha fé, Jesus tocou nos olhos deles e lhes restabeleceu a visão.

Doutra feita, dos seus discípulos mais próximos Jesus escutou aquela referência messiânica de libertação do mal.

Aconteceu numa estrada, quando o Senhor lhes perguntou: —“Quem o povo diz que eu sou? Os discípulos responderam: — Alguns dizem que o senhor é João Batista; outros, que é Elias; e outros, que é um dos profetas. E vocês? Quem vocês dizem que eu sou? Perguntou Jesus. “O senhor é o Messias”, respondeu Pedro (Marcos 8, 27-30).

Venham a mim todos vocês que estão cansados de carregar as suas pesadas cargas, e eu lhes darei descanso.

(Mateus 11, 28)

Eu não rejeito seu Cristo, Eu amo seu Cristo. Apenas creio que muitos de vocês cristãos são bem diferentes do seu Cristo.

(Gandhi)

JESUS COME E BEBE

Em três grandes religiões do mundo, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, adora-se um só Deus. Mas há uma diferença essencial entre elas: só os cristãos adoram Jesus Cristo, no centro de sua fé.

Para estes, Jesus é homem e filho de Deus, ou seja, sem perder a natureza divina, viveu a experiência do ser humano e assumiu também o sentido do paladar, responsável por perceber os sabores do comer e do beber, algo superior ao simples mastigar e engolir.

Nem poderia ser diferente. Jesus, recém-nascido, amamentando-se nos seios de sua mãe, Maria, em Belém, inaugurou o exercício do seu paladar, prática de todos os dias até a última ceia de sua vida pública, como conta o evangelista Mateus (26, 29): —“Enquanto estavam comendo, pegou o pão e deu graças a Deus. Depois partiu o pão e o deu aos discípulos dizendo: —peguem e comam, isto é o meu corpo[...] Em seguida, pegou o cálice e agradeceu a Deus. Depois passou o cálice aos discípulos, dizendo: —bebam todos vocês [...]”

Já no início de seu trabalho na Galileia, Jesus, para incentivar os discípulos a uma vida sábia, bem ao gosto de Deus, advertira-os com uma metáfora saborosa: — “Vocês são o sal para a humanidade” (Mateus 5, 13).

Do sal ele passa ao fermento, outro elemento da alimentação universal: — “O Reino do céu é como o fermento que uma mulher pega e mistura com três medidas de farinha, até que ele se espalha por toda a massa” (Lucas 13, 21).

E do fermento seu pensamento vai, naturalmente, ao pão, o pão que a gente pede a Deus todos os dias, o pão que Jesus mesmo ofereceu às abnegadas multidões de seus seguidores pobres e esquecidos e depois – milagre de fé e de amor – o pão que é ele mesmo, “pão da vida”, “pão vivo que desceu do céu” (João 6, 35-51).

Por fim, para confirmar a capacidade gustativa do Senhor Jesus, lembrem-se os convites para a festa de casamento, em Caná (João 2, 1-12), o jantar na casa de Mateus (Mateus 9,10), na casa de Simão, o fariseu (Lucas 7, 36), na casa de Zaqueu (Lucas 19, 1-7) e na casa de Lázaro (João 12, 1-8).

Para Jesus essas refeições consistiam em encontro de comunhão, uma respeitosa prova de amizade, mas seus adversários, na sua cegueira, se valeram delas para caluniar Jesus como “comilão e bebedor” (Lucas 7, 34).

Pessoa normal, o Senhor se alimentava tanto em ambientes amigos como na companhia de gente de má fama. Um Jesus de pé no chão, como todos nós escreveu um autor.

Mas, infelizmente, até hoje os pensamentos de certos cristãos só visam um Jesus levado ao céu. Para eles, o Jesus humano sumiu do mapa.

Eu sou o bom pastor, o bom pastor dá a vida pelas ovelhas.

(João 10, 11)

Abandone de vez suas pontuações e renda-se com toda sua pecaminosidade ao Deus que não leva em conta nem os pontos, nem aquele que os marca, mas vê em você somente um filho, remido por Cristo.

(Thomas Merton)

JESUS PERFUMADO

Os quatro evangelistas, nem romancistas nem historiadores, souberam mostrar-nos a pessoa de Jesus, Deus e homem verdadeiro, integrado na natureza humana, uma vez por todas.

Como relatores fiéis da boa notícia anunciada por ele, não fizeram teologia nem se perderam em floreios pitorescos. Legaram-nos palavras e gestos do Salvador, dados fundamentais da sua história de vida.

Desse respeitável legado estamos tentando perscrutar como Jesus, pelos cinco sentidos, conheceu e viveu a realidade do seu espaço-tempo. Chegamos assim ao sentido do olfato, esta nossa capacidade de captar e interpretar os odores de qualquer ambiente.

Trata-se de uma capacidade altamente positiva, apesar de Aristóteles considerá-lo o mais medíocre de todos os sentidos, e Darwin vê-lo como simples órgão animal, menos humano.

Se olfato vem do latim *olfactus*, (ação de cheirar), cabe perguntar como foram as sensações olfativas de Jesus.

Obviamente, aconteciam-lhe pelo nariz, órgão central nesse processo, e lhe traziam o prazer dos aromas saudáveis, como também o alerta contra exalações nojentas.

Em casa, predominava, de um lado, o cheiro dos alimentos preparados por sua mãe para as refeições; do outro lado, o cheiro do madeirame da carpintaria do pai.

Por sua vez, Jesus, nas caminhadas, certamente, sentia a emanção dos agradáveis odores de plantas, flores, hortaliças, nos campos e colinas por onde ia passando, mas devia também suportar, numa boa, o desagradável suor da massa de gente compacta ao seu redor.

Merece lembrado, por fim, o momento triste da morte de Lázaro, quando seu grande amigo, Jesus, quer vê-lo e Marta, irmã do falecido, lhe diz: —“Senhor, ele está cheirando mal, pois já faz quatro dias que foi sepultado”! (João 11, 39).

Mas o cheiro agressivo não impediu o Senhor da vida a reanimá-lo.

Pode-se, agora, perguntar: — e Jesus? Ele usou perfumes, unguentos e resinas cheirosas? Certamente, em dois momentos, pelo menos.

Em Belém, ganhou de presente dos sábios lá do oriente incenso e mirra, perfumes muito caros naquele tempo, mas aplicados no nascimento de Jesus.

Constam também nos Evangelhos três unções recebidas por ele, com óleo ou perfume, como se fazia, antigamente, por higiene e beleza, com desfrute pessoal e doméstico.

A primeira vez foi de uma mulher pecadora a derramar perfume caro, com suas lágrimas, sobre os pés de Jesus; a outra, quando Maria de Betânia entornou aroma de nardo puro sobre seus pés; e por fim, na casa de Simão, o leproso, um dos miraculosos de Jesus. Ali, uma mulher não identificada derramou um perfume precioso sobre sua cabeça e a casa ficou toda aromatizada.

Perfumado assim, Jesus, ao rebater Judas, o traidor, que vira aquele gesto como um desperdício, determina: — deixe em paz essa mulher, “que ela guarde isso para o dia do meu sepultamento” (João 12, 7).

Entramos, depois, nas trágicas páginas finais dos Evangelhos, com a crucifixão, a morte e o sepultamento de Jesus. Dos seguidores, Nicodemos e José de Arimateia, cobriram-no de perfumes especiais, para lhe demonstrar enorme respeito, como fazemos hoje com os mortos, cobrindo-os de flores.

Na sequência, findo aquele sábado funesto, algumas mulheres próximas de Jesus, compraram perfumes e óleos para, ao alvorecer do domingo, aromatizarem o cadáver adorável, mas não o encontraram. Jesus havia ressuscitado.

Todavia, aquele gesto de amor das piedosas senhoras não foi em vão. Permanece como prenúncio perfeito do reconhecimento da unção de Jesus como Messias. Note-se: — Messias é termo hebraico, significa “ungido”, o mesmo significado da palavra grega *christos*.

Assim, quando falamos de Jesus Cristo, estamos falando de Jesus, o Messias, o Ungido pelo Espírito Santo, em seu batismo no rio Jordão, ungido como acontecia, no Primeiro Testamento, com os reis, os profetas e os sacerdotes.

Não é o que entra pela boca que faz com que alguém fique impuro. Pelo contrário, o que sai da boca é que pode tornar a pessoa impura.

(Mateus 15, 11)

Se eu acredito em Deus? Mas que valor poderia ter minha resposta, afirmativa ou não? O que importa é saber se Deus acredita em mim.

(Mario Quintana)

CONTATOS DE JESUS

Todos os cinco sentidos atuam em nossa existência, para a compreensão do mundo, mas é pelo sentido do tato que tocamos a realidade física do nosso entorno.

Os quatro sentidos anteriormente estudados, visão, audição, paladar e olfato, têm uma região corporal específica, o tato não. As percepções acontecem por todo o nosso corpo revestido de pele. E há algo mais; além da percepção dos toques, o sistema sensorial somático é responsável também pelas sensações de temperatura e dor.

Surge agora a questão apropriada ao nosso caso: — o exercício do tato por Jesus teve algo de especial?

Nós, simples mortais, pelo tato sentimos emoções de amor, paixão, ternura, compaixão, libertação e até de mera curiosidade. Mas Jesus é o Homem-Deus, cuja morte e ressurreição atestam tanto o vigor de sua mensagem confirmada pelos seus toques, como a demonstração do seu carinhoso contato físico. Como era o seu tato?

O jeito afetuoso e acolhedor de Jesus atraía muita gente. A propósito, o evangelista Marcos (3, 9) nos relata: —“ele pediu aos discípulos que arranjassem um barco para ele, a fim de não ser esmagado pela multidão”.

Todo tipo de doentes o procurava: coxos, cegos, surdos-mudos, parálíticos, leprosos e os “endemoniados”, ou seja, pessoas dominadas por um espírito mau ou afligidas por alguma doença, como epilepsia, histeria, esquizofrenia, males então atribuídos à possessão diabólica.

Nos capítulos seguintes, veremos alguns toques de Jesus na sua vida terrena, toques que transformaram a vida de algumas pessoas, indelevelmente.

Deixem que as crianças venham a mim e não proibam que elas façam isso, pois o Reino de Deus é das pessoas que são como estas crianças.

(Marcos 10, 14)

O supérfluo dos ricos é propriedade dos pobres.

(Santo Agostinho)

A TRANSFIGURAÇÃO

Os três Evangelhos sinóticos relatam como, um dia, Jesus levou o seu trio querido, Pedro, Tiago e João, até um monte próximo, e “ali, eles viram a aparência de Jesus mudar: — o seu rosto ficou brilhante como o sol e as suas roupas ficaram brancas como a luz” (Mateus 17, 1-2).

Com esse fenômeno extraordinário, descrito como Transfiguração, a comunidade cristã tenta expressar o in-traduzível em palavras.

Houve uma metamorfose: Jesus se mostrou real e totalmente homem em outra forma, uma forma gloriosa extremamente superior à aparência física do filho de Nossa Senhora. “Pedro e seus companheiros estavam dormindo profundamente, mas acordaram e viram a glória de Jesus e os dois homens (Moisés e Elias) que estavam com ele” (Lucas 9, 32). E “uma nuvem brilhante os cobriu, e dela veio uma voz que disse: — Este é meu Filho querido, que me dá muita alegria. Escutem o que ele diz!” (Mateus 17, 5).

Quando ouviram essa voz, eles ficaram tomados de medo, se ajoelharam e encostaram o rosto no chão. Jesus veio, tocou neles e disse: — “Levantem-se e não tenham medo!” (Mateus 17, 7).

O toque de Jesus, delicado gesto de confiança e de amor, convidava-os a estar de pé e sem medo, um convite à coragem.

Por esse toque se revelava não só a face divina do Senhor, mas também o sem limites daquele seu permanente cuidado humano com quem caía no medo, na descrença, na covardia.

Sua respeitável presença não revelava traços de uma divindade, no dia a dia.

Ninguém tem mais amor pelos seus amigos do que aquele que dá a sua vida por eles.

(João 15, 13)

O avaro está sempre faminto como um mendigo, nunca chega a ficar satisfeito com os bens que deseja.

(São Bernardo)

QUE OS SURDOS OUÇAM E OS MUDOS FALEM

Um dia, ao voltar de longa caminhada, Jesus, chegou até o lago da Galileia. Havia sempre muita gente à espera dele naquele ponto. Então, algumas pessoas trouxeram um homem surdo-mudo e lhe pediram que pusesse a mão sobre ele.

Jesus o retirou do meio da multidão e, num atento encontro a dois, pôs os dedos nos ouvidos dele e em seguida cuspiu e colocou um pouquinho de saliva na língua do homem. Depois olhou para o céu, deu um suspiro profundo e decidiu: Efatá!, (palavra aramaica, quer dizer abra-se!). E naquele momento os ouvidos do homem se abriram, a sua língua se soltou e ele começou a falar sem dificuldade.

Jesus ordenou a todos que não contassem para ninguém o que havia acontecido. E todas as pessoas que o ouviam ficavam admiradas e diziam: — Tudo o que faz, ele faz bem; ele até mesmo faz que os surdos ouçam e os mudos falem! (Marcos 7, 37).

Pelos seus delicados toques, Jesus libertou o homem da doença e da discriminação.

Com esse procedimento de um profundo amor humano e divino, destravou os sentidos de um excluído e integrou-o na convivência social.

Os ouvidos se abriram para acolher a palavra de Deus e soltou-se a língua, para exaltar a compaixão do Senhor.

A sua mão foi sempre fonte de contato vital e passagem certa de energia curativa.

Se alguém quer ser o primeiro, deve ficar em último lugar e servir a todos.

(Marcos 9, 35)

Jesus Cristo é a imagem de Deus no ser humano.

(Santo Tomás de Aquino)

JESUS, NEM CURANDEIRO NEM MÁGICO

Nos Evangelhos, encontramos diversos casos de curas miraculosas operadas por Jesus. Com sua palavra, com seu toque, com seus gestos, ele reabilita pessoas deprimidas por alguma séria deficiência física, como cegueira e paralisia, ou por problemas de saúde mental, considerados como interferência demoníaca.

Mesmo para os descrentes do sobrenatural esses textos sugerem momentos de reflexão para um novo jeito de viver e de pensar.

Ressalte-se, antes de tudo, o sucesso popular de Jesus pelos seus milagres. Mas nunca lhe passou pela mente dar espetáculo à multidão curiosa ou a pequenos grupos em ambiente fechado, como na casa da sogra de Pedro (Marcos 3, 29-31). Visava apenas a cura física e espiritual de quem, no sofrimento, punha nele toda a sua esperança.

O divino Mestre não dividia o ser humano em corpo e alma. Relacionava-se com a pessoa inteira. Ele veio para salvar pessoas, não almas.

Para ele toda cura representava a vitória misericordiosa de Deus sobre o mal instalado no próprio corpo humano.

Seus milagres acontecem como sinais e provas da presença do Reino de Deus na terra, presença concretizada ao seu redor, nos seus dias de vida pública. Daí o lançamento de suas parábolas, todas com imagens da vida cotidiana e voltadas a esclarecer a sua missão como revelação não do poder, mas do amor de um Deus afeito a preservar as pessoas do mal e dos maus.

Nesse sentido, a ação curativa de Jesus é sempre cheia de simplicidade, é sóbria, sem artifícios mágicos, sem cerimonial prévio, sem recurso a ciências ocultas. Ele jamais se intitulou médico ou curandeiro popular. Agiu sempre como curador amigo, compassivo e bom.

Essa atitude típica de Jesus teve um momento extraordinário quando operou a ressurreição de Lázaro e assim se expressou. Jesus olhou para o céu e disse: — “Pai, eu te agradeço porque me ouviste. Eu sei que sempre me ouves; mas eu estou dizendo isso por causa de toda esta gente que está aqui, para que eles creiam que tu me envias-te”(João 11, 41-42).

Hoje, pela sua morte e ressurreição, Jesus oferece a todos a esperança da vida eterna. “É Deus quem veste a erva do campo, que hoje está aqui e amanhã desaparece, queimada no forno. Então é claro que ele vestirá também vocês, que têm uma fé tão pequena!” (Lucas 12, 28).

Quando vocês levantarem o Filho do Homem, saberão que EU SOU QUEM SOU.

(João 8, 25)

O melhor caminho para a mais alta contemplação de Deus passa pela humanidade de Jesus.

(Santa Teresa de Ávila)

MÉDICO, CURA-TE A TI MESMO

Jesus se valeu desse provérbio popular quando, em seu vilarejo, Nazaré, na sua primeira aparição pública, foi acusado de não fazer lá as coisas maravilhosas realizadas por ele em terra vizinha, Cafarnaum.

Foi num sábado, na sinagoga do povoado, ao ler este trecho das Escrituras Sagradas:

“O Senhor me deu o seu Espírito. Ele me escolheu para levar boas notícias aos pobres e me enviou para anunciar a liberdade aos presos, dar vista aos cegos, libertar os que estão sendo oprimidos e anunciar que chegou o tempo em que o Senhor salvará o seu povo” (Lucas 4, 18-19).

Fechando o livro, Jesus logo declarou: — Hoje se cumpriu o trecho das Escrituras Sagradas que vocês acabam de ouvir (Lucas 4, 21).

Ele não era médico, mas seu “biógrafo” Lucas entendia de medicina e não deixou de relatar a terrível e inesperada reação dos conterrâneos de Jesus ali presentes.

Acharam extremamente arrogante aquele simples filho de um carpinteiro se julgar dotado de funções divinas

e se levantaram contra ele. Arrastaram-no para fora da cidadezinha, e o levaram até o alto de um monte próximo, para o jogar dali abaixo. Mas ele passou pelo meio da multidão e foi embora.

Dias depois, em caminhada com seus apóstolos, gente de todo lugar o seguia. “Tinham vindo para ouvir Jesus e para serem curados das suas doenças” (Lucas 6, 18).

Seria ele um médico especial para aquela multidão que lhe trazia paralíticos, aleijados, cegos, pessoas com distúrbios mentais?

Na verdade, Jesus praticava, sim, a cura de doenças, mas por um caminho diferente de qualquer terapeuta, uma incrível capacidade de expulsar demônios, temidos então como causadores de doenças.

Pelos caminhos da Galileia e da Judeia, Jesus, no cumprimento de sua missão salvadora, homologava, por suas amorosas curas físicas e espirituais, a mensagem nova que anunciava.

Elas aconteciam como sinais do Reino de Deus que se abria à restauração integral de uma população pobre e insegura, sem serviços públicos para seus enfermos.

Jesus, um curador diferente, não apelava a forças misteriosas, como os curandeiros e os magos.

Apaixonado pela vida, comunicar-se com os enfermos era como lhes passar a saúde.

Assim, “ele curava todas as pessoas que estavam doentes” (Mateus 8, 16). E não o fazia para dar espetáculo. Visava apenas o bem dos doentes, a libertação de seus males, a cura física e espiritual dos que, no sofrimento, punham nele toda fé e confiança: “todos queriam tocar em Jesus porque dele saía um poder que curava todas as pessoas” (Lucas 6, 19), e Mateus (10, 1) e Marcos (16, 17-18) realçam que ele passou essa graça aos seus apóstolos, como condição fundamental de evangelização.

Eu sou o caminho, a verdade e a vida.

(João 14, 6)

Não mencionem o Prêmio Nobel da Paz, também não mencionem outras honrarias. Não cite a escola e a faculdade da minha formação. Apenas digam que procurei o lado certo da guerra, procurei alimentar os famintos, vestir os pobres, visitar os presos, amar e servir.

(Martin Luther King)

CURA DE UM LEPROSO

Certa vez, Jesus estava numa cidade onde havia um homem que tinha o corpo todo coberto de lepra.

Quando viu Jesus, o leproso se ajoelhou diante dele, encostou o rosto no chão, e pediu: — “Senhor, eu sei que o senhor pode me curar, se quiser!”

Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: — “Sim! Eu quero. Você está curado” (Lucas 5, 12-13).

Em Israel, o problema se agravava. A lepra² significava sofrimento duplamente cruel, porque, além de infecciosa, impunha duríssima exclusão religiosa e social, segundo o livro do Levítico: “Uma pessoa que sofre de uma doença contagiosa da pele deverá vestir roupas rasgadas, deixar os cabelos sem pentear, cobrir o rosto da boca para baixo e gritar: — Sou impuro, sou impuro!” (13, 45).

² Faz parte do saber comum, a lepra é uma doença infecciosa. Tem cura, mas sempre suscita temores. Hoje, em vez de lepra, fala-se em hanseníase e evita-se até comentar seus sintomas, como o aparecimento de manchas esbranquiçadas na pele e a alteração dos nervos periféricos, que reduzem a sensibilidade à dor, ao toque e ao calor.

Para piorar ainda mais a marginalização daquele pobre homem curado por Jesus, costumava-se também conceituar a lepra como castigo específico de Deus.

Essa tradição vinha de séculos, como se lê, em Números (12, 10), quando Miriam, a irmã mais velha de Moisés, devido ao seu pecado de inveja, “foi atacada por uma terrível doença da pele”.

Por isso, portadores desse mal deviam viver segregados em algum lugar deserto, abandonar suas famílias e ir morar fora da cidade.

Um dia, porém, Jesus atravessa uma região solitária e o leproso vem vindo, sem ninguém ao lado. Na sua pele, a marca da exclusão. Um ser considerado perigoso, repugnante. Mas não para Jesus, sempre sensível ao sofrimento de quem encontrava no caminho, descartado pela sociedade, desprezado pelos líderes religiosos e rejeitado pelos poderosos da época.

Para o Cristo, coração divino repleto de misericórdia, ver aquele frangalho de gente bem próximo, atirando-se aos seus pés, de rosto no chão, a suplicar: — “Senhor, eu sei que o senhor pode me curar, se quiser!”

Foi tudo imediato, ele estendeu a mão para tocar o intocável, e o seu amor incondicional se transbordou em doação de cura.

Não tenham medo, porque vocês valem mais do que muitos passarinhos!

(Lucas 12, 7)

Todos estes que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!

(Mario Quintana)

UM PARALÍTICO

Jesus entrou num barco, voltou para o lado oeste do lago e chegou à sua cidade. Então, algumas pessoas trouxeram um paralítico deitado numa cama. Jesus viu que eles tinham fé e disse ao paralítico: — Coragem, meu filho! Os teus pecados estão perdoados.

Alguns Mestres da Lei começaram a pensar: — Este homem está blasfemando contra Deus.

Porém, Jesus sabia o que eles estavam pensando e disse: — Por que é que vocês estão pensando essas coisas más? O que é mais fácil dizer ao paralítico: — Os seus pecados estão perdoados ou — Levante-se e ande? Pois vou mostrar a vocês que eu, o Filho do Homem, tenho poder na terra para perdoar pecados.

Então disse ao paralítico: — Levante-se, pegue a sua cama e vá para casa.

O homem se levantou e foi para casa.

Quando o povo viu isso, ficou com medo e louvou a Deus por dar esse poder a seres humanos (Mateus 9, 1-7).

Tudo aconteceu na cidade de Cafarnaum, no íntimo da casa em que Jesus se hospedava. Naquele dia, vencendo todo tipo de obstáculos, quatro vizinhos trouxeram a Jesus um amigo paralítico. Ele não falava nem pedia nada.

Qual seria a origem daquela paralisia? Seria consequência de alguma enfermidade, de um acidente ou de alguma culpa?

Jesus, ao sentir a fé dos acompanhantes, desentranha do fundo do coração sua capacidade ilimitada de Messias, para operar tanto a cura do corpo quanto a da alma daquele homem de vida bloqueada.

Ele sabia da prostração física do enfermo, mas pensou também em sua vida interior, para curá-lo de sua enfermidade espiritual e foi dessa doença da alma que Jesus cuidou primeiro, perdoadando-lhe os pecados.

Quanta ternura quando ele diz: — Coragem, meu filho, os teus pecados estão perdoados. Quanta misericórdia! E lá foi embora o homem, feliz, transportando a maca em que chegara deitado.

Ao final daquela cena singular, conta o evangelista, os presentes foram tomados de medo, porque viram um homem, mas a autoria daquele milagre pertencia ao senhor Deus todo-poderoso e o louvaram por esse gesto sublime.

Cuidado com o que vocês ouvem! Deus usará para julgar vocês a mesma regra que vocês usarem para julgar os outros.

(Marcos 4, 24)

A verdade é como uma leoa: não precisa ser defendida, basta soltá-la que ela se defende sozinha.

(Santo Agostinho)

A HEMORROÍSSA

No meio de sua atividade diária predominante – proclamar o Reino de Deus – Jesus, certo dia, viveu um momento único, que, Mateus, Marcos e Lucas, fizeram questão de nos contar: — Jesus libertou uma mulher oprimida por um fluxo constante de sangue.

Enquanto Jesus ia caminhando, a multidão o apertava de todos os lados. Nisto, chegou uma mulher que fazia doze anos que estava com hemorragia. Ela havia gastado com os médicos tudo o que tinha, mas ninguém havia conseguido curá-la. Ela foi por detrás de Jesus e tocou na barra da capa dele e logo o sangue parou de escorrer.

Aí Jesus perguntou: — Quem foi que me tocou? Todos negaram. Então Pedro disse: — Mestre, todo o povo está rodeando o senhor e o está apertando. Mas Jesus lhe disse: — Alguém me tocou, pois eu senti que de mim saiu poder.

Então a mulher, vendo que não podia mais ficar escondida, veio, tremendo, e se atirou após pés de Jesus. E, diante de todos, contou a Jesus por que tinha tocado nele e como havia sido curada na mesma hora. Aí Jesus disse: — Minha filha, você sarou porque teve fé! Vá em paz” (Lucas 8, 42-48).

Surpreendentemente, essa passagem evangélica está sintetizada no dicionário Houaiss, assim: “hemorroísa é a mulher que, segundo o Evangelho, foi curada de um fluxo de sangue constante ao tocar a túnica de Cristo”.

Impressiona fortemente a audácia dessa mulher, cujo medo final não deve ser confundido com vergonha, pois não a demonstra de forma alguma.

Além da fraqueza física que seu mal fomentava, pesava-lhe o desafio de encobrir, socialmente, o seu problema. Como sair de casa, se as vizinhas, provavelmente, sabiam daquela doença?

Mas emergia uma questão religiosa. A mulher poderia ser recriminada, por causa da lei de Moisés, exarada no Levítico (15, 25).

Mais: a mulher com sangramento transvaginal contínuo seria considerada imunda e como tal, sofreria o duro procedimento de ser lançada fora do arraial (Números 5, 2).

Essa ameaça empolgaria os religiosos hipócritas do espaço. Jesus, porém, tratou-a carinhosamente. Não viu nela imundície alguma: — Minha filha, vá em paz!

E a mulher seguiu feliz, porque encontrou Jesus, fator de saúde e senhor da vida.

Um simples toque. Um divino resultado.

Felizes são vocês quando os insultam, perseguem e dizem todo tipo de calúnia contra vocês por serem meus seguidores.

(Mateus 5, 11)

O amor ainda que cego para ver, é lince para adivinhar.

(Pe. Antonio Vieira)

O CEGO BARTIMEU

Jesus e os discípulos chegaram à cidade de Jericó. Quando ele estava saindo da cidade, com os discípulos e uma grande multidão, encontrou um cego chamado Bartimeu, filho de Timeu.

Ele estava sentado à beira do caminho, pedindo esmola. Quando ouviu alguém dizer que Jesus de Nazaré estava passando, o cego começou a gritar: — Jesus, filho de Davi, tenha piedade de mim!

Muitas pessoas o repreenderam e mandaram que calasse a boca, mas ele gritava ainda mais: — Filho de Davi, tenha piedade de mim! Então, Jesus parou e disse: — Chamem o cego. Eles chamaram e lhe disseram: — Coragem, levante-se porque ele está chamando você!

Então, Bartimeu jogou a sua capa para um lado, levantou-se depressa e foi até o lugar onde Jesus estava: — O que é que você quer que eu faça? perguntou Jesus. Ele respondeu: — Mestre, eu quero ver de novo. — Vá, você está curado porque teve fé, afirmou Jesus.

No mesmo instante, Bartimeu começou a ver de novo e foi seguindo Jesus pelo caminho (Marcos 10, 46-52).

Esse relato envolve e sensibiliza qualquer leitor, tanto pela decisão do deficiente visual de não perder a hora do revigoramento de seus olhos, quanto pela atitude afetuosa de quem, pela cura, lhe concedeu a salvação de Deus, o prêmio máximo a quem teve fé e agora se entrega ao seguimento de Jesus.

Faz bem refletir um pouco mais sobre essa cura realizada por Jesus. Foi o seu último milagre, em pleno ministério público.

Ele havia saído de Jericó, com um grupo de seguidores, rumo a Jerusalém, onde seria crucificado.

Ocorria na estrada um trânsito intenso, porque dali a dias seria a festa da Páscoa e, à beira desse caminho, mendigava Bartimeu.

Ao ouvir o tropel de tanta gente a passar, ele, informado, grita: — Filho de Davi! Tem misericórdia de mim.

Era uma notável profissão de fé na pessoa de Cristo, porque o Messias prometido sempre foi chamado “Filho de Davi”.

Ele pedia misericórdia, não esmola.

E a resposta de Jesus foi pronta. Chama o homem suplicante e lhe restitui a mobilidade e a independência, reconstituindo-o como ser humano por inteiro.

Bartimeu ganhou uma vida digna, não viverá mais de esparsos donativos, à margem da sociedade. Seus olhos, antes sem brilho, agora transbordam de fé.

Quem me segue nunca andará na escuridão.

(João 8, 12).

Desapontado ao ser classificado como extremista, acabei gostando desse rótulo. Jesus também não foi um extremista do amor?

(Martin Luther King)

LEVANTE-SE, MENINA!

Enquanto Jesus estava falando ao povo, um chefe religioso chegou perto dele, ajoelhou-se e disse: — “A minha filha morreu agora mesmo! Venha e ponha as mãos sobre ela para que viva de novo” (Mateus 9, 18).

Jesus ainda estava falando, quando chegou da casa de Jairo um empregado, que disse: — “Seu Jairo, a menina já morreu. Não aborreça mais o Mestre”.

Jesus ouviu isso e disse a Jairo: — “Não tenha medo; tenha fé, e ela ficará boa”.

Quando Jesus chegou à casa de Jairo, deixou que Pedro, Tiago e João entrassem com ele, além do pai e da mãe da menina, e mais ninguém.

Todos os que estavam ali choravam e se lamentavam por causa da menina. Então Jesus disse: — “Não cho-rem, a menina não morreu, ela está dormindo”.

Aí começaram a caçoar dele, porque já a sabiam morta. Mas Jesus foi, pegou-a pela mão e disse bem alto: — “Menina, levante-se!” (Lucas 8, 49-53).

No mesmo instante, a menina, que tinha doze anos, levantou-se e começou a andar. E todos ficaram muito admirados.

Então Jesus ordenou que de jeito nenhum espalhassem a notícia dessa cura. E mandou que dessem comida à menina (Marcos 5, 42-43).

“Pegou-a pela mão”, foi assim que Jesus devolveu a vida à adolescente, para a suprema alegria do seu pai. Não foi passe de mágica, mas toque de amor, de libertação da morte operada pelo Salvador. Por ele, a adolescente, hoje cognominada como Talita na comunidade cristã, ganhou a plenitude de uma existência humana estendida para além da morte.

Venham a mim todos vocês que estão cansados de carregar as suas pesadas cargas, e eu lhes darei descanso.

(Mateus 11, 28)

O anjo pousa de leve no quarto onde a moça pura remenda a roupa dos pobres.

(Murilo Mendes)

O MENINO EPILÉPTICO

“Um homem foi até perto de Jesus, ajoelhou-se diante dele e disse? — Senhor, tenha pena do meu filho! Ele é epiléptico e tem ataques tão fortes que muitas vezes, cai no fogo ou na água. Eu o trouxe para os seus discípulos a fim de que eles o curassem, mas eles não conseguiram. Jesus respondeu: — Gente má e sem fé! Até quando ficarei com vocês? Até quando terei de aguentá-los? Tragam o menino aqui! Então deu uma ordem, o demônio saiu, e no mesmo instante o menino ficou curado”(Mateus 17, 14-18).

Quando Jesus convivia com sua gente, doentes físicos e mentais, privados de recursos, não perdiam ocasião de se aproximar daquele caminhante sempre generosamente pronto a atender pessoas vulneráveis, deprimidas, carentes.

Mas não se tratava de um mestre da Lei nem de um profeta ávido pelos aplausos do populacho. Ele preferia encontros pessoais com um ou outro, nas suas caminhadas. Aproximava-se das pessoas para ouvi-las, e sentir no coração o peso de suas aflições e restituir-lhes o gosto de viver, graças ao seu toque transformador.

Nada de técnicas de taumaturgo ou de exorcista nas atitudes de Jesus e nem mesmo o saber médico. O que lhe move o coração é ver um ser humano como ele ferido pela doença e lhe restituir a integridade da saúde e a felicidade de viver.

O Reino de Deus está dentro de vocês.

(Lucas 17, 21)

Se eu pudesse pegava a dor, colocava dentro de um envelope e devolvia ao remetente!

(Mário Quintana)

A SOGRA DE PEDRO

Um dos primeiros milagres de Jesus aconteceu em Cafarnaum, em ambiente reservado, restritamente familiar.

Jesus, Simão, André, Tiago e João saíram da sinagoga e foram até a casa de Simão e André. A sogra de Simão estava de cama, com febre.

Hoje em dia, por uma saúde perfeita, busca-se, imediatamente, bloquear qualquer traço desvirtuante, até mesmo um mal-estar ocasional ou um simples aumento da temperatura corporal.

Era bem outra a situação, no tempo de Jesus com sua gente. Nada de perfeição física ou estética. Privadas de recursos especiais, pessoas afetadas por alguma enfermidade séria não perdiam ocasião de se aproximar daquele Nazareno, generosamente pronto a atendê-las, descobrindo-as, antes mesmo de qualquer pedido.

Foi assim que, ao chegarem à casa da mulher, silêncio total. Ninguém para acolhê-los. Deveria ser iniciativa da sogra de Pedro, mas ela, acamada, ardia em febre.

Mas Jesus imediatamente se sensibiliza, para diante dela, toma-lhe a mão, ergue-a e ordena à febre e “a febre saiu da mulher, e, no mesmo instante, ela se levantou e começou a cuidar deles” (Lucas 4, 39).

Note-se a atitude tranquila de Jesus: com amor e compaixão, aproxima-se da enferma, pega-a pela mão e a faz se levantar. Tocou-a e a mão inerte despertou, começou a ser útil, mão de uma dona de casa, pronta para servir alimentos a Jesus e seus quatro companheiros.

Era sábado, mas Jesus e a mulher superaram as proibições impostas pela religião farisaica, e agiram. Ele não ficou só no campo das palavras e ela começou a servir.

Vão pelo mundo inteiro e anunciem o evangelho a toda as pessoas.

(Marcos 16, 15)

Se alguém se distancia de Cristo para ir à verdade, não dará muitos passos sem cair em seus braços.

(Simone Weil)

JESUS E OS DEMÔNIOS

Demônios ou diabos constituem forças de oposição a Deus e tramam o mal ao ser humano. Formam uma legião subordinada a Satanás.

Os termos demônio, diabo, satanás, belzebu e mau espírito aparecem muitas vezes nos Evangelhos. Fazem parte tanto do vocabulário de Jesus mestre, como da atividade de Jesus curador.

Mas em duas passagens, eles figuram surpreendentes e chocantes: na primeira, quando o Mestre chama o próprio Pedro de Satanás, e na segunda, quando carimba alguns opositores seus como filhos do Diabo.

No primeiro caso, explica-se aquele duro insulto de Jesus, porque afirmara aos Doze a tragédia futura: seria preso, maltratado e morto em Jerusalém, e Pedro, ao ouvir tal declaração não se conteve, levou-o para um lado e começou a repreendê-lo, dizendo: — Que Deus não permita! Isso nunca vai acontecer com o senhor!

Jesus, virou-se e disse a Pedro: — Saia da minha frente, Satanás! Você é como uma pedra no meu caminho para fazer com que eu tropece, pois está pensando como um ser humano pensa e não como Deus pensa (Mateus 16, 22-23).

Em suma, Jesus, naquela hora, viu seu querido Pedro como alguém disposto a impedir a missão redentora do seu mestre, opondo-se aos planos do Pai. Falou como um satanás, vocábulo hebraico que significa o divisor, o adversário. Deixou-se dominar por um espírito mau, um mau pensamento, oposto ao modo conciliador como Deus pensa.

Como se vê, para Jesus o mau espírito é a encarnação do mal. É um demônio, e é oportuno lembrar, é coisa séria, em nada parecido com o folclórico capeta brasileiro.

Passando agora ao caso dos “filhos do Diabo”, contado por João no capítulo 8, tudo aconteceu dentro de um intenso debate de Jesus com alguns líderes religiosos que o acusavam de ir contra a lei de Moisés.

Parecia-lhes possuído pelo Maligno, pois seu modo de apresentar o reino de Deus entrava em choque com as práticas dos fariseus e dos saduceus.

Jesus rebateu a acusação garantindo que expulsava demônios pelo dedo de Deus, “obedeço ao que ele manda”, e por essa ação libertadora estava apressando a vinda do Reino de Deus. E declarou com o máximo de clareza àqueles líderes interessados em liquidá-lo: — Vocês são filhos do Diabo e querem fazer o que o pai de vocês quer [...] nele não existe verdade [...] pois é mentiroso e é o pai de todas as mentiras. Mas, porque eu digo a verdade, vocês não creem em mim (João 8, 44).

No final do debate, “eles pegaram pedras para atirar em Jesus, mas ele se escondeu e saiu do pátio do Templo” (João 8, 59).

Desmascarados e enraivecidos os filhos do Diabo, Jesus, doutra feita, se encontrou, na sinagoga de Cafarnaum, com um homem subjugado por um demônio pronto para atacá-lo que lhe gritava: — Ei, Jesus de Nazaré! O que você quer de nós? Você veio para nos destruir? Sei muito bem quem é você: é o Santo que Deus enviou! (Lucas 4, 34).

A presença de Jesus na sinagoga, a sua palavra plena de autoridade, sem rodeios, atenta aos problemas do povo, e a sua ação amorosa, em prol dos mais necessitados desesperam o espírito impuro que proclama Jesus, concebido por obra do Espírito Santo, capaz de vencê-lo, pela virtude desse mesmo Espírito.

A reação do demônio, lançada no plural, porque de um ser multifacetado, constitui uma ameaça vazia e mentirosa.

Ele não quer nada de Jesus. Pretende, apenas, criar escândalo, embora confesse uma autêntica expressão de fé: você “é o Santo que Deus enviou”.

Jesus revida, imediatamente: “Cale a boca e saia deste homem”! (Lucas 4, 31-37) e assim o liberta daquela

presença devastadora e mortífera, assinalando, de forma concreta, a presença do Reino de Deus, reino de liberdade e vida para todos.

O sinal dessa libertação não poderia ser mais claro: “Aí o espírito sacudiu o homem com violência e, dando um grito, saiu dele” (Marcos 1, 26).

Contudo, Jesus não se cansa, “andava por toda a Galileia, anunciando o evangelho nas sinagogas e expulsando demônios” (Marcos 1, 39). Com a sabedoria das palavras e a bondade das curas, ele segue livre pelas ruas da cidade, para se encontrar com populares comuns, gente espoliada e sem abrigo, jogada no isolamento social, na miséria, na doença.

Esperança dos carentes, refúgio dos descartados, libertação dos oprimidos, quem mais ele divisa na movimentada Jericó, na pequena Betsaida e na capital Jerusalém? Os deficientes visuais. Em todos, a cura recebida vai além da questão física. Com a visão clara e feliz, declaram crer em Jesus como o Messias presente e ele lhes restaura a integridade pessoal.

Assim, Jesus segue o seu caminho de fidelidade à causa da vida plena e do compromisso de aliviar o sofrimento humano. Ele pensa e age sempre em favor dos últimos.

Sua ação libertadora sempre inclui a generosidade dos seus milagres. Ela se faz em benefício dos enfermos e de quem o espírito mau abiscoitava.

Quem ouve as minhas palavras e crê naquele que me
enviou tem a vida eterna.

(João 5, 24)

A fé é a mais elevada paixão de todos os homens.

(Soren Kierkegaard)

JESUS E OS PODEROSOS

A recomendação de Jesus aos discípulos de ontem e de hoje é clara: — Quem quiser ser importante, que sirva os outros, e quem quiser ser o primeiro, que seja o escravo de todos (Marcos 10, 43-44) e, para os Doze deixarem de se preocupar com honras e grandezas, definiu sua missão, taxativamente: — O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir [...] (Mateus 20, 28).

Nesses termos, fica exposta na plena luz a essência do poder para Jesus. E sob essa luz se deve ponderar como ele se portou na relação com os poderosos, à sua frente.

Contra toda pretensão de superioridade vaidosa, Jesus privilegia o serviço aos outros e, sobretudo, o tratamento amoroso dos pequenos, como mensagem de salvação a todas as criaturas.

Nas páginas evangélicas, detentores de alguma autoridade se avultam, sem rasgos de excepcional importância, mas inevitáveis, se historicamente analisados.

Como representantes dos poderes religioso, político e militar, tentavam tudo para silenciar Jesus. Mas quando seus homens vieram prendê-lo, primeiro passo de

sua condenação e morte, Jesus lembrou-lhes que, naquela hora, estava obedecendo, livremente, a uma ordem superior: — Se eu pedisse ajuda ao meu Pai, ele me mandaria agora mesmo doze exércitos de anjos [...]. Mas tudo isso está acontecendo para se cumprir o que os profetas escreveram nas Escrituras Sagradas (Mateus 26, 52-56).

Vejamos o perfil desses poderosos.

Sinédrio

Naqueles dias, o povo judeu vivia sob o domínio de Roma, mas o governo interno da Judeia cabia ao Sinédrio (palavra grega que significa *sentar-se juntos*, ou seja, assembleia).

Essa suprema corte dos judeus, o mais alto tribunal de Jerusalém, reunia-se dentro do Templo, e, às vezes, na casa do seu presidente, o sumo sacerdote. Compreendia 71 membros: os anciãos da classe dominante, os sacerdotes, os mestres da Lei e os escribas.

Nos Evangelhos aparecem com diversos nomes: os primeiros da cidade, doutores, líderes do povo. Para pequenas causas, havia em toda a Palestina “sinédrios” com três membros apenas, entre os quais um juiz (Mateus 5, 25).

Dominavam o sinédrio os fariseus, educadores da massa e seus representantes naquele tribunal. Oriundos do povo miúdo, pareciam líderes de um partido político-religioso da população, que sentia na carne o peso da ocupação romana.

Jesus respeitava essas poderosas autoridades religiosas, mas criticava seus desvios e exageros, como o comércio no Templo (Lucas 16, 13).

Sempre vigiado e ameaçado, ao ser preso e conduzido ao sinédrio, ele foi taxativo: — Eu estava com vocês todos os dias, ensinando no pátio do Templo, e vocês não me prenderam. Mas isso está acontecendo para se cumprir o que as Escrituras Sagradas dizem (Marcos 14, 49).

Ele assim confirmava sua identidade divina como o Filho de Deus, o esperado Messias.

A reação daquele conselho foi imediata: julgado sob a acusação de alegar ser o Messias, é acusado de blasfêmia e condenado à pena capital. Mas não foi uma decisão unânime: José de Arimateia e Nicodemos, discípulos de Jesus, votaram contra.

Anás

Anás foi nomeado sumo sacerdote pelo governador romano Quirino, no ano 6 da nossa era, tendo sido deposto no ano 15, mas continuou a ser, por anos, o homem forte da aristocracia sacerdotal e do sinédrio.

A liderança religiosa estava nas mãos da sua família de vida luxuosa e de ligação direta com a mão pesada de Roma.

Como prova cabal de seu prestígio, antes da sessão oficial no sinédrio, Anás submeteu Jesus a um interrogatório oficioso, “a respeito dos seus seguidores e dos seus ensinamentos” (João 18, 19). E essa audiência terminou com Jesus amarrado e enviado para Caifás.

Caifás

Caifás, genro de Anás, era o sumo sacerdote desde o ano 18 a.C., cerca de 10 anos antes da crucificação de Jesus. Conquistou esse cargo com os favores da política romana.

Ele foi o líder na conspiração contra o Senhor. Muitas testemunhas falsas foram apresentadas, mas nada foi encontrado que justificasse uma sentença de morte. Coube-lhe, então, como sumo sacerdote, decidir sobre o destino de Jesus, levantou-se e se dirigiu diretamente a ele: — Eu exijo que você diga para nós, você é o Messias,

o Filho de Deus? (Mateus 26, 63). Com a resposta afirmativa de Jesus, Caifás rasgou o manto e gritou: — Ele blasfemou! E Jesus foi declarado digno de morte, depois de cuspidos e esbofeteado.

Entretanto, como os judeus não podiam executar prisioneiros legalmente, Caifás enviou Jesus ao governador romano Pôncio Pilatos.

Império Romano

A partir do ano 63 a.C., Roma, a maior potência política e econômica daquele século, conquistou também o pequeno estado da Palestina, mas manteve as autoridades locais. No nascimento de Jesus o imperador era Otavio Augusto, e Tibério, quando ele foi morto.

O Império, com seu exército, seus governadores e procuradores e a sua moeda, submetia a província a um duro regime, escamoteado pelas elites judaicas, para alcançarem alguns benefícios mútuos. E a população suportava tudo, sofredamente.

Como velada medida de dominação, repetiam-se os recenseamentos, para calcular se o recebimento dos impostos estava correspondendo ao crescimento da população. Com essa finalidade é que se deu o censo do natal de Jesus.

E esses impostos destinavam-se até para manter a infraestrutura dos sacrifícios à divina pessoa do Imperador, gesto inaceitável para os judeus.

Como havia gente indignada com a soberania estrangeira, foram surgindo grupos rebeldes de resistência, germe do partido dos zelotes.

Essa a Palestina onde Jesus de Nazaré nasceu e exerceu sua missão libertadora. Nunca aplaudiu o militarismo opressor e comungou sempre a fé popular no domínio supremo de Deus sobre aquela terra e aquele povo e não do Imperador.

Pilatos

A Palestina foi assumida pelo exército romano, no ano 63 a.C., tornando-se uma província de um estado estrangeiro. À população só restava cumprir normas ditatoriais e pagar pesados impostos.

Ali mandavam, como representantes do Imperador, os procuradores romanos. Naquela altura, Pôncio Pilatos exercia esse papel. Praticamente, governava toda a região. Morava na cidade de Cesareia, mas, nas grandes festas, vinha a Jerusalém, centro político e religioso de Israel, para cuidar, sobretudo, da segurança da população.

Sua importância histórica se reduz à condenação de Jesus como subversivo, com o apoio das elites locais. Medroso e desconfiado, deixou-se dominar pelo amor ao cargo, lavou as mãos e passou aos líderes judeus e à população a responsabilidade de decidir o destino de quem lhe parecia inocente.

Herodes

Nessa conjuntura, a expressão política de uma nobreza laica também cercou a atividade messiânica de Jesus. Concentrou-se em Herodes e seus descendentes.

Nomeado pelo Senado Romano, como rei, sócio e amigo do povo romano, Herodes governou durante 33 anos toda a Palestina e morreu no ano 4 a.C.

Chamado o Grande, pela magnificência dos monumentais projetos de construção em toda a região, sozinha lhe a consciência de ser, para a população, um governante ilegítimo, nomeado por interesses espúrios. O povo ansiava pelo retorno de um rei da linhagem de Davi para substituí-lo.

Daí a razão paranoica de Herodes, homem violento, decidir eliminar todo e qualquer potencial rival. Quando informado da novidade de uma criança da descendência de Davi, eventual sucessor do trono, mandou matar

todos os meninos com menos de dois anos, para assim se assegurar de que não lhe surgiria concorrente e teve filhos não menos detestáveis.

Herodes Antipas

Dos três filhos de Herodes sabemos, por Lucas, o primeiro, “Herodes Antipas, governava a Galileia” (Lucas 3, 1).

Nos 43 anos de governo, esse Herodes, governador da quarta parte do reino, agiu sempre movido por abominável astúcia e não menor violência, com a decapitação de João Batista e a constante intenção de matar também Jesus (Lucas 13, 31).

Esse Herodes manteve conveniente relacionamento entre autoridades religiosas e expoentes políticos, como Pôncio Pilatos. Durante o reinado desse conluio inimigo, Jesus, espírito superior, desenvolveu o seu generoso ministério.

Totalmente concentrado na sua missão divina, soube enfrentar essa conflituosa situação. Se o tetrarca, interessadamente, procurava ver Jesus, este se ocupava com coisas mais importantes, como expulsar demônios e curar doentes, e manda-lhe um recado taxativo: — digam para aquela raposa que eu preciso seguir o meu caminho (Lucas 13, 31-33).

O caminho de Jesus o levaria à cruz, com a cumplicidade de Herodes, mas esse homem-raposa, assim chamado pelo seu caráter dissimulador e desprezível, teve o que queria, Jesus à sua frente. Ele o interrogou de todas as formas, mas o Senhor não disse uma única palavra. Então o tetrarca tratou Jesus com desprezo, escarneceu dele e o devolveu a Pilatos.

Alguns anos depois da morte de Jesus, ele foi banido pelo Imperador para a Gália e lá faleceu.

Eu vim para que as ovelhas tenham vida, a vida completa.

(João 10, 10)

Há pessoas semelhantes à vela que se consomem para alumiar o caminho alheio.

(Pe. Antonio Vieira)

OS ÍNTIMOS DE JESUS

Jesus vivia cercado de multidão. Seguiam-no centenas de populares fascinados pela sua fama de homem bom e prodigioso. Alguém que transmitia esperança de dias melhores para muitos em busca de comida e de curas do corpo lesado ou de alma ferida.

Havia tanto pecadores a esperar perdão, quanto curiosos no aguardo de maravilhas. Até espiões ali se aninhavam, prontos a surpreendê-lo em alguma impropriedade. Impossível, porém, não destacar naquela massa de gente a camada dos fascinados pela sua mensagem nova, radical e libertadora. Mais que adeptos, se diziam discípulos de alguém que ensinava um novo jeito de olhar a vida, uma nova mentalidade.

Dentre esses, sobressaíam doze homens sempre bem próximos de Jesus, naquelas movimentações populares pelos vilarejos da Galileia e em Jerusalém, a capital da Judeia.

Hoje, vale encontrar os Doze nas páginas evangélicas, unidos pela atração de um mentor espiritual, discreto e respeitoso, bem diferente dos arrogantes Mestres da Lei. Chega a emocionar vê-los reunidos em boa

intimidade com Jesus. Em conversas quase confidenciais, ele os chama de “meus amigos” (Lucas 12, 4). E dessa forma vai tratá-los até na sua última e inesquecível ceia: — vocês são meus amigos (João 15, 14). Mas quando e como começou esse relacionamento tão especial daqueles doze homens comuns com Jesus?

Foi numa primavera, à beira do rio Jordão, quando João Batista pregava sobre a próxima vinda do Messias libertador e, de repente, naquele clima de entusiasmo e de esperança, Jesus passa por ali e João aponta, alto e forte: — Aí está o Cordeiro de Deus! [...]. Dois discípulos de João ouviram isso, saíram seguindo Jesus. Então Jesus olhou para trás, viu que eles o seguiam e perguntou: — O que é que vocês estão procurando?

Eles perguntaram: — Rabi, onde é que o senhor mora? (Rabi quer dizer mestre). — Venham ver, disse Jesus. Então eles foram, viram onde Jesus estava morando e ficaram com ele o resto daquele dia. Isso aconteceu, mais ou menos, às quatro horas da tarde” (João 1, 35-39).

André, um que escutara o Batista falando a respeito de Jesus, convenceu e convidou seu irmão, Pedro, e assim ambos provaram o primeiro e impactante contato com o Mestre.

Começa assim a convivência por três anos de Jesus com eles e os outros dez: João, Tiago, Felipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, o Menor, Judas Tadeu, Simão, o Zelote e Judas Iscariotes.

Esse o grupo dos doze discípulos, hoje chamados apóstolos, pequena, mas promissora equipe convidada a viver e difundir o ministério dos ensinamentos e milagres de Jesus.

Nessa relação peculiar com seus eleitos, ele não os via como alunos, nem como funcionários seus. Pessoas simples, trabalhadores comuns, a maioria pescadores, aceitaram o desafio de seguir o Senhor, companheiros para todas as horas.

Ele os preparou, ensinou e treinou para anunciarem um dia ao mundo, como testemunhas oculares, a sua morte e ressurreição, com a pregação não de uma doutrina, mas da boa nova do Reino de Deus.

Os três preferidos

Os Evangelhos deixam explícito: dentre os Doze, Jesus afagava três sujeitos mais próximos: Pedro, Tiago e João, chegando, inclusive, a restringir a eles a presença em algumas ocasiões.

Não se sabe o motivo dessa preferência, mas ele conhecia o fundo do coração das pessoas e assim discernia tanto a liderança de Pedro como a ardorosa admiração de Tiago e João por ele.

O Senhor talvez distinguisse nesses três discípulos as melhores testemunhas futuras da autenticidade do seu ministério, particularmente quando ele, o Filho do Homem, se revelava o Filho de Deus.

E isso aconteceu de forma impressionante. Coloco, a seguir, três casos significativos.

Com o Senhor da vida

Não desconhecido de Jesus, havia um senhor de grande respeito na sua comunidade judia. Chamava-se Jairo. Com a filha única à beira da morte e acreditando em Jesus, correu atrás dele e lançou-se aos seus pés, suplicando ajuda.

Estavam para sepultá-la. No entanto, Jesus encorajou-o a continuar acreditando e foi com ele até a sua casa, na companhia também de Pedro, Tiago e João.

Jesus encontrou ali uma confusão geral, com todos chorando alto e gritando. Então ele mandou que todos saíssem e, junto com os três discípulos e os pais da menina entrou no quarto onde ela estava. Pegou-a pela mão e

com a ternura de sua mão onipotente, espantou a morte e se revelou o senhor da vida, para felicidade de Jairo e assombro dos três privilegiados Pedro, Tiago e João, ali privilegiadamente presentes.

Com o Senhor transfigurado

Corria o ano 30 d.C., marcado por uma intensa atividade de Jesus, que entremeava ensinamentos, milagres e confrontos com as autoridades religiosas e logo mais ele iria a Jerusalém, onde seria crucificado e morto.

Aconteceu, nesse ínterim, um momento de suma importância no ministério de Jesus, a sua transfiguração, quando “levou Pedro, Tiago e João e subiu o monte para orar. Enquanto orava, o seu rosto mudou de aparência, e a sua roupa ficou muito branca e brilhante (Lucas 9, 28-29). Eles também viram Elias e Moisés em conversa com Jesus, “quando apareceu uma nuvem e os cobriu [...] e da nuvem veio uma voz, que disse: — Este é o meu Filho, o meu escolhido. Escutem o que ele diz (34-35).

Os três preferidos de Jesus, antes adormecidos, despertaram maravilhados e se jogaram ao chão apavorados. Um instante depois, se refizeram e olharam em volta e viram somente Jesus, o Jesus de sempre.

Antes desse evento, presenciaram bom número dos seus milagres, mas naquele momento a divindade de Jesus se deslumbrou para eles. A natureza divina do Senhor se manifestara de forma visível na sua natureza humana, numa antevisão do Ressuscitado.

Por essa sublime iluminação, Pedro, Tiago e João ganharam melhor entendimento da missão redentora de Jesus. Pedro, porque, uns dias atrás, tentara desviá-lo de seu caminho de cruz e os outros dois, porque, antes, disputavam, com egoísmo, os primeiros lugares no Reino do céu.

Com o Senhor em agonia

No meio de uma noite agitada, Jesus e os seus discípulos deixaram a sala onde haviam celebrado a Páscoa e dirigiram-se até o sopé do Monte das Oliveiras, onde se situava um local conhecido como Getsêmani.

Ao chegarem, Jesus deixa fora os acompanhantes e entra apenas com Pedro, Tiago e João, instruindo-os a aguardar: — Sentem-se aqui, enquanto eu vou ali orar (Mateus 26, 36).

Foram horas de oração e de extremo sofrimento. Uma agonia jamais suportada por um ser humano, pela angústia avassaladora que lhe invadiu a alma. O Filho de Deus já se via preso e crucificado pelos pecados da

humanidade e desamparado pelo Pai. Naquela dor profunda, continuava a orar e “o seu suor era como gotas de sangue caindo no chão” (Lucas 22, 44).

Nesse quadro de tortura incomparável, a companhia dos três amigos especiais é acentuada pelo próprio sofredor, o Homem das Dores: — A tristeza que estou sentindo é tão grande, que é capaz de me matar. Fiquem aqui vigiando (Marcos 14, 34).

Ele lhes recomendara plena vigia, mas sob intenso cansaço, aqueles três pobres mortais adormeceram. Jesus, porém, não os reprova. Era tarde demais para delongas. Desconsidera aquela fraqueza inoportuna e chama-os à realidade: — Vocês ainda estão dormindo e descansando? Basta! Chegou a hora, e o Filho do Homem está sendo entregue nas mãos dos maus. Levantem-se, e vamos embora. Vejam! Aí vem chegando o homem que está me traindo! (Marcos 14, 41-42). Pedro, Tiago e João testemunharão, um dia, com o próprio sangue, o valor infinito daquela noite.

Parem de julgar pelas aparências e julguem com justiça.

(Mateus 11, 28).

A plenitude do amor ao próximo é simplesmente ser capaz de perguntar: qual a sua aflição?

(Simone Weil)

AS AMIGAS DE JESUS

Os Evangelhos contam que, ao anunciar, de povoado em povoado, a boa notícia do Reino de Deus, Jesus ia sempre acompanhado por algumas mulheres que, com os seus próprios recursos, ajudavam a ele e aos seus doze discípulos mais chegados.

Naquele mundo patriarcal, o relacionamento quase revolucionário de Jesus com as mulheres transgredia a sua imposta marginalidade. Rejeitadas pelo simples fato de serem mulheres, não podiam participar de nada socialmente, limitavam-se ao lugar separado dos homens na sinagoga e nem podiam frequentar ali as lições dos escribas, mas Jesus fez que aprendessem com ele mesmo, como suas discípulas, tanto quanto os homens.

Ele rompia com os tabus impostos à mulher e interação, normalmente, com elas, porque afirmava a igualdade radical entre homens e mulheres (Mateus 19, 1-6), hospedava-se em suas casas (Lucas 10, 38-42) e as defendia diante de fariseus e escribas (João 8, 2-11), tendo-as como protagonistas e testemunhas em momentos cruciais do seu ministério, em seus milagres e em sua própria morte e ressurreição.

Pode-se encontrá-las também nas suas parábolas e nas cenas cotidianas que reconstruía para ilustrar suas histórias.

Em contrapartida, na hora suprema da crucifixão do seu Mestre, lá estavam elas, fiéis e corajosas, alheias a qualquer represália decorrente desse gesto de apoio e amor.

A informação evangélica identifica essa notável plêiade feminina: Marta e Maria, irmãs de Lázaro, Maria de Mágdala, Maria, mãe de Tiago e de José, tia de Jesus, Maria Salomé, mãe de Tiago e João, Susana e até Joana, esposa de Cusa, mordomo de Herodes Antipas.

Dentre elas quem não sabe do devotamento da Madalena por Jesus, dolorosamente deplorado por ela, ao pé da cruz, e depois reencontrado junto ao túmulo vazio?

No Calvário encontravam-se também, com Maria, mãe de Jesus, outra Maria, tia de Jesus, e Maria Salomé.

Quanto a Joana e Susana, o evangelista Lucas apresenta-as como “mulheres que haviam sido curadas de espíritos maus e curadas de doenças” (8, 2), mas seguiram depois a Jesus, trazendo até especiarias ao seu túmulo, no domingo da ressurreição.

Porém, de todas as mulheres com quem Jesus se relacionou, amigas íntimas foram Marta e Maria, irmãs de

Lázaro, do povoado de Betânia. Os três, de fortes vínculos com o Senhor, hospedavam-no, regularmente.

Nesse lar ele descansou durante sua última semana de vida. Lá, num jantar, Maria “derramou o perfume nos pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos” (João 12, 3).

Dias antes, Marta, em pranto pela morte do irmão, confessara a Jesus sua fé no evangelho de ressurreição e de vida. E Lázaro voltou àquele lar predileto do Senhor Jesus.

Quem receber aquele que eu enviar estará também me recebendo e quem me recebe, recebe aquele que me enviou.

(João 13, 20)

O que não é Deus, é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver – a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo.

(Guimarães Rosa)

OS ADVERSÁRIOS DE JESUS

Embora fosse o Filho de Deus, o Jesus de quem estamos falando nestas páginas assumiu as nossas limitações.

Uma delas é na parte afetiva.

Podemos até sonhar um amor universal, mas jamais alcançaremos o amor de todo mundo e, na dura verdade, com culpa ou sem culpa, teremos sempre pessoas amigas e gente não amiga.

Assim se passou também com Jesus, desde o berço, perseguido de morte pelo rei Herodes. Foi o caso de alguém nada amigo, mas inimigo ferrenho.

Homem adulto, Jesus enfrentou outro inimigo nefando, o próprio demônio, que lhe assacou três tentações: identidade e propósito, ganância e poder (Mateus 4, 1-11).

No ministério público, porém, Jesus não teve, propriamente, inimigos, mas adversários, os Mestres da Lei e os escribas, judeus versados nas tradições orais de Israel. Julgavam-se de cepa superior e viam enciumados como Jesus fascinava o povo. Estavam sempre à espreita para pegá-lo em alguma palavra e denunciá-lo às

autoridades religiosas e romanas. Tentavam, frequentemente, prejudicá-lo, com o objetivo de lhe colocarem situações difíceis, como Lucas (11, 53-54) nos conta: — “Os mestres da Lei e os fariseus começaram a criticá-lo com raiva e a lhe fazer perguntas sobre muitos assuntos; eles queriam levá-lo a dizer alguma coisa que pudesse lhes servir de motivo para acusá-lo”.

Segundo Jesus, esses doutores estudavam profundamente a Palavra de Deus, mas a reduziam a mera letra escrita. Assim, “fecham a porta do Reino do céu para os outros, mas vocês mesmos não entram, nem deixam que entrem os que estão querendo entrar” (Mateus 23, 13).

Contudo, nesse contexto adverso a Jesus, a narrativa evangélica apresenta duas figuras excepcionais. Corajosamente, afirmam acreditar na sua mensagem: o primeiro, um Mestre da Lei, “chegou perto de Jesus e disse: — Mestre, estou pronto a seguir o senhor para qualquer lugar aonde o senhor for”! (Mateus 8, 19); e o outro, um fariseu chamado Nicodemos, que era líder dos judeus. Uma noite ele foi visitar Jesus e disse: — Rabi, nós sabemos que o senhor é um mestre que Deus enviou, pois ninguém pode fazer esses milagres se Deus não estiver com ele (João 3, 1-2).

Para completar esse surpreendente quadro de adesão a Jesus, importa ressaltar que Nicodemos, como doutor da Lei, participava do Sinédrio. No entanto, protestou, certa vez, contra os sacerdotes e fariseus que haviam tentado prender Jesus (João 7, 50-52) e, mais tarde, levou grande quantidade de especiarias, para aplicá-las sobre o corpo do Mestre (João 19, 38-42).

Quem quiser ser importante, que sirva os outros.

(Mateus 20, 26)

Cristão é quem vive não em si mesmo, mas em Cristo e no próximo. De outro modo, ele não é cristão.

(Martinho Lutero)

JESUS, O MESTRE

Jesus jamais assumiu uma cátedra professoral, nunca formulou uma doutrina pedagógica, nem propôs uma tecnologia didática, mas pela consciência do seu ser e de sua missão e pela sabedoria de suas palavras e atitudes pode, hoje, inspirar professores e alunos no processo educativo.

Mestre itinerante de doze homens sem escolaridade formal, conseguiu marcá-los significativamente, sem salas de aula e sem programa convencional. Conviveu com eles e com eles sofreu embates e resistências.

A coerência entre sua palavra e a sua vida testemunhava, claramente, uma pedagogia fundamentada no respeito amoroso dedicado a todas as pessoas. Adivinhava a sede de aprender cravada no peito de todo ser humano.

Fez educação infantil acolhendo crianças com carinhosa defesa da inocência delas, “pois o Reino de Deus é das pessoas que são como estas crianças” (Marcos 10, 14).

A um moço rico, cumpridor exato de todos os seus deveres, Jesus, como excelente professor da educação básica, mandou escolher: — Ou Deus, ou o dinheiro! Servir aos dois não dá (Mateus 6, 24).

Com adultos ele não foi diferente. Um senhor mestre da Lei, quer segui-lo. Jesus foi claro, apresentou-lhe o preço desse seguimento: — As raposas têm suas covas e os pássaros, os seus ninhos (Marcos 8, 20). Ele não.

Na sua rotina, o magistério de Jesus se caracteriza pela presença atenciosa às pessoas, com seu jeito de viver e de ver as coisas, bem diferente dos mestres daqueles dias.

Educador comprometido unicamente com o amor e a verdade, Jesus não excluía ninguém, combatia as divisões injustas e denunciava também os males que estragavam a vida do povo, como a ignorância, o medo, a fome, a doença e a discriminação.

Jesus nunca deu aulas expositivas. Partia sempre de fatos e exemplos do cotidiano, apontando um novo rumo para acender a esperança da população carente, o anúncio do Reino de Deus oferecido a todos.

Outra brilhante modalidade educativa de Jesus transparece, aqui e ali, nos relatos evangélicos: conversações particulares, diálogos de alto conteúdo existencial mantidos com pessoas adultas, potenciais discípulos do seu projeto de mudança de mentalidade, à luz do Reino de Deus.

O primeiro encontro desse tipo foi com Nicodemos, professor da Lei, líder dos judeus, que se aventurou a procurá-lo, à noite, correndo risco de ser taxado traidor.

Ele queria seguir a Jesus, vendo-o como “um mestre que Deus enviou”, e ouviu, de pronto, a proposta do Senhor: — Ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo. Mas Nicodemos retruca: — Como é que um homem velho pode nascer de novo? E Jesus lhe propõe o renascer da água e do Espírito (João 3, 1-21), renascimento espiritual, à luz da nova mensagem do Filho do Homem.

Outro precioso encontro educativo narrado por João (4, 1-41) foi com uma mulher samaritana, a quem Jesus, superando a todos os preconceitos, pediu água, no descampado, ao sol do meio-dia. Não se conheciam, mas conversaram educadamente e logo se viram diferentes: a mulher frente a um homem a falar de uma água que bebida mataria a sede para sempre e o homem se mostrando ciente da má vida que ela levava.

O resultado foi maravilhoso, a mulher de cinco maridos revelou à vizinhança: — ele disse tudo o que eu tenho feito. E acreditou em Jesus quando lhe ouviu: — eu que estou falando com você, eu sou o Messias.

Consideremos também a verdadeira aula de reforço dada por Jesus a dois seguidores seus, os discípulos de Emaús, acabrunhados com os trágicos distúrbios daquela Páscoa, em Jerusalém.

Decepcionados e tristes com a morte de Jesus, não o reconhecem a princípio, mas ele lhes repassa uma lição certa: todo aquele acontecimento foi previsto, desde Moisés até os Profetas. E aí reacende-se a esperança dos dois, volta a alegria e numa ceia a três reconhecem o Senhor ao repartirem o pão com ele.

Destaca-se nesses três encontros o clássico recurso professoral das perguntas utilizado por Jesus. Ele é o pedagogo das perguntas, porque sabe que toda pergunta é provocadora, estimula a reflexão, educa tanto ou mais que a resposta.

Na prática de Jesus, perguntar, antes de tudo, constituía um ato de amor, um reconhecimento da autonomia do outro, da sua dignidade de ser humano, homem ou mulher, autoridade ou cidadão comum. A todos ele via como sujeitos da própria caminhada.

Ele não busca a verdade. Ele é a Verdade. O seu intento é psicológico, didático. Quer suscitar nos discípulos mais que a atividade cerebral. Entende sempre animá-los rumo a verdade evangélica da vida. Ao invés de discursos e conferências, apresenta-lhes o exemplo de sua vida simples e de suas opções corajosas.

Já foram contadas mais de duzentas perguntas de Jesus nos Evangelhos: interrogações de diferentes tipos, mas sempre tendentes a criar o diálogo entre quem

pergunta e quem responde, sem supervalorizar nem menosprezar nenhum dos dois.

A sua linguagem é linear, mas categórica: — Quem dizem os homens que eu sou? [...] E vocês, quem dizem que eu sou? [...] Ó geração incrédula! Até quando deverei ficar com vocês? [...] por que vocês são tão medrosos? Vocês ainda não têm fé? Por que você fica olhando o cisco no olho do seu irmão, e não presta atenção na trave que há no seu próprio olho?

Em suas interrogações, percebe-se, claramente, o seu propósito educativo. Ele quer seguidores conscientes, pessoas prontas para olhar a vida de outro jeito, pelo Messias que ele é e pela certeza do bem que nos oferece.

Sem perguntas retóricas ou intimidantes, ele se aproxima das pessoas, e do seu coração cheio de amor e misericórdia fluem perguntas típicas de um educador atencioso, como se pode ver nos três exemplos seguintes.

Primeiro exemplo

Um cego gritou várias vezes: — Jesus, Filho de Davi, tenha pena de mim!

Jesus parou e mandou que trouxessem o cego. Quando ele chegou perto, Jesus perguntou: — O que é que você quer que eu faça?

— Senhor, eu quero ver de novo! Respondeu ele. Então Jesus disse: — Veja! Você está curado porque teve fé. No mesmo instante o homem começou a ver e, dando glória a Deus, foi seguindo Jesus (Lucas 18, 35-43).

Segundo exemplo

Muitos ouviram Jesus dizer “eu sou o pão que desceu do céu”. Não acreditaram e o abandonaram.

Então ele perguntou aos doze discípulos: Será que vocês também querem ir embora? Então Pedro respondeu: — Quem é que nós vamos seguir? O senhor tem as palavras que dão vida eterna (João 6, 66-68).

Terceiro exemplo

Submetidos à tirania de Roma, os judeus ansiavam pela independência, ligando solução política com esperança religiosa. Dentro desse objetivo, questionar os impostos impunha-se como ação concreta, indispensável. Daí a capciosa pergunta dos fariseus a Jesus: — Mestre [...] o que é que o senhor acha? É ou não é contra a nossa Lei pagar impostos ao Imperador romano?

Jesus percebeu a malícia deles e respondeu: — Hipócritas! Por que é que vocês estão procurando uma prova contra mim? Tragam a moeda com que se paga o imposto.

Trouxeram a moeda e ele perguntou: — De quem são o nome e a cara que estão gravados nesta moeda? Eles responderam: — São do Imperador. Então Jesus disse: — Deem ao Imperador o que é do Imperador e deem a Deus o que é de Deus.

Eles ficaram admirados quando ouviram isso. E então deixaram Jesus e foram embora (Mateus 22, 15-22).

Nos três exemplos, três lições decorrentes dos diálogos do Mestre da Galileia.

No entanto, como todo educador, ele nem sempre foi compreendido e nem sempre teve sucesso. Se na cura do cego, ele ganhou um seguidor humilde e feliz, no discurso profético sobre o “pão da vida”, ele recebeu o compromisso de fidelidade pessoal e grupal de Pedro e na questão do imposto, Jesus percebeu a reação negativa da sua lição lapidar: admiraram-se, mas saíram vencidos.

Como qualquer professor, no seu magistério, às vezes, os discípulos não entendiam o que Jesus queria dizer e chegou até a sofrer ameaças, em certas ocasiões.

Na sinagoga da sua própria terra, Nazaré, quando se afirmou como o escolhido para salvar a todos os que sofrem, lá e em qualquer outro lugar, os conterrâneos “ficaram com muita raiva, se levantaram e arrastaram Je-

sus para fora da cidade e o levaram até o alto do monte onde a cidade estava construída, para o jogar ali abaixo” (Lucas 4, 16-29).

Se quisermos, agora, colher de todos os passos do Homem Jesus algum conselho aos professores, mestres, pedagogos, seria bom ouvir e seguir o que ele nos ensina (Mateus 23, 10-11) e não chamar ninguém de mestre, porque só ele é o nosso Mestre perfeito. Ele nos exorta a servir e não a dominar. Professor não ameaça nem castiga. Não existe educação sem amor.

Vão e anunciem: o Reino do Céu está perto.

(Mateus 10, 7)

Assim como o amor a Deus começa com o ouvir da Sua Palavra, o início do amor pelos irmãos é aprender a ouvi-los.

(Dietrich Bonhoeffer)